

Revista CEPS - Pesquisa Econômica e Social

Liberdade para repensar teorias com uma visão sistêmica



Revista CEPS - Pesquisa Econômica e Social, v. 1, n. 1, dezembro-março, 2022.
Salvador (Bahia), Brasil | Sahagún (Córdoba), Colômbia.

SUMÁRIO

Ideologia, alienação e estranhamento na ordem ultramoderna, 7
Fernando Cardoso PEDRÃO

Habermas, agir comunicativo e educação emancipadora, 13
Maria Julia SOUZA

A oferta de serviços de educação e os vetores de crescimento de rendas altas em Salvador, 20
Malesse Pinto El Sayegh NUNES e Fernando Barreto NUNES FILHO

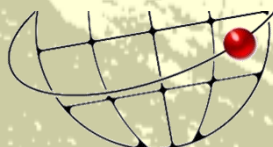
Ensinar ou aprender fora dos circuitos escolares, 27
Jesús Enrique Tinoco GÓMEZ

Uma agenda de desenvolvimento do Nordeste: Notas para reflexão, 36
Reinaldo SAMPAIO

Número especial Independente.
Data da edição do fascículo: 14/12/2022.

Órgão Editor Responsável:

Centro de Estudios por la Amistad de Latinoamérica, Asia y África (Ceala)



CEALA

Revista CEPS - Pesquisa Econômica e Social, v. 1, n. 1, dezembro-março, 2022.
Salvador (Bahia), Brasil | Sahagún (Córdoba), Colômbia.

DOI: 10.5281/zenodo.7271994

<https://www.ceala.org/revista-ceps-primeira>

CEALA

www.ceala.org

Rua Areal de Baixo, nº 136. 414. Blc. C.
Salvador - Bahia. Brasil.
CEP 40060-210.
+55 71 99741-6169

Carrera 11. nº 15-17 .
Sahagún - Córdoba. Colombia
Código Postal: 232540
+57 314 710 6747

ISSN - 1º Volume.

© Ceala, 2022

FICHA TÉCNICA - CRÉDITOS

Editor Geral:

Rilton Gonçalves Bonfim Primo (Ceala).

Revisão

Fernando Barreto Nunes Filho (UCSal, Brasil)

Projeto gráfico, normalização, capa e ilustrações:

Centro de Estudios por la Amistad de Latinoamérica, Asia y África (Ceala).

Comissão Científica (Ordem Alfabética):

Antônio Silva (Ces-UC, Portugal)
Fernando Barreto Nunes Filho (UCSal, Brasil)
Fernando Cardoso Pedrão (Ceps, Brasil)
Florita Cuhanga António Telo (UCAN, Angola, UFBA, Brasil)
Ignacio Caamal Cauich (DICE, UACH, México)
Irma Mercedes Méndez Fariñas (Ceala, Colômbia)
Jesús Enrique Tinoco Gómez (Ceps, Peru)
José Félix García Rodríguez (UJAT, México)
Maria Julia Alves de Souza (Fiocruz, Ceps, Brasil)
Maiesse Pinto El Sayegh Nunes
Rafael Ricardo Rentería Ramos (UNC, Colômbia)
Reinaldo Sampaio (Corecon, Brasil)
Rilton Gonçalves Bonfim Primo (Ceao-Ufba, Brasil)
Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti (PPG Neim-Ufba, Brasil / Isup, Portugal)

Conselho Editorial (Ordem Alfabética):

Antônio Silva (Ces-UC, Portugal)
Fernando Barreto Nunes Filho (UCSal, Brasil)
Fernando Cardoso Pedrão (Ceps, Brasil)
Francisca Mathilde Mota Bittencourt (Ceps, Brasil)
Irma Mercedes Méndez Fariñas (Ceala, Colômbia)
Jesús Enrique Tinoco Gómez (Ceps, Peru)
José Félix García Rodríguez (UJAT, México)
Maiesse Pinto El Sayegh NUNES
Maria Julia Alves de Souza (Fiocruz, Ceps, Brasil)
Reinaldo Sampaio (Corecon, Brasil)
Rilton Gonçalves Bonfim Primo (Ceao-Ufba, Brasil)
Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti (PPG Neim-Ufba, Brasil / Isup, Portugal)

As opiniões desta publicação não correspondem necessariamente às do CEALA ou CEPS.
As(os) autoras(es) respondem exclusivamente pelos direitos autorais aplicáveis a seus textos.
Reprodução total ou parcial permitidas, desde que sem fins comerciais e citada a fonte.

Las opiniones de esta publicación no corresponden necesariamente a las del CEALA o CEPS.
Las(os) autoras(es) son las(os) únicas(os) responsables de los derechos de autor aplicables a sus textos y fotos.
Permitida su reproducción total o parcial, siempre que no sea con fines comerciales y que se cite la fuente.

The opinions in this publication do not necessarily correspond to those of CEALA or CEPS.
The authors are the only ones responsible for the copyright applicable to their texts and photos.
Reproduction in whole or in part is permitted, provided it is not for commercial purposes and the source is cited.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P953 Primo, Rilton Gonçalves Bonfim, 1975 -

Revista CEPS: Pesquisa Econômica e Social / Rilton Gonçalves Bonfim Primo | Editor Geral; --
1. ed. --. Salvador (Bahia), Brasil | Sahagún (Córdoba), Colômbia; CEALA-CEPS, 2022.
44f.: il.

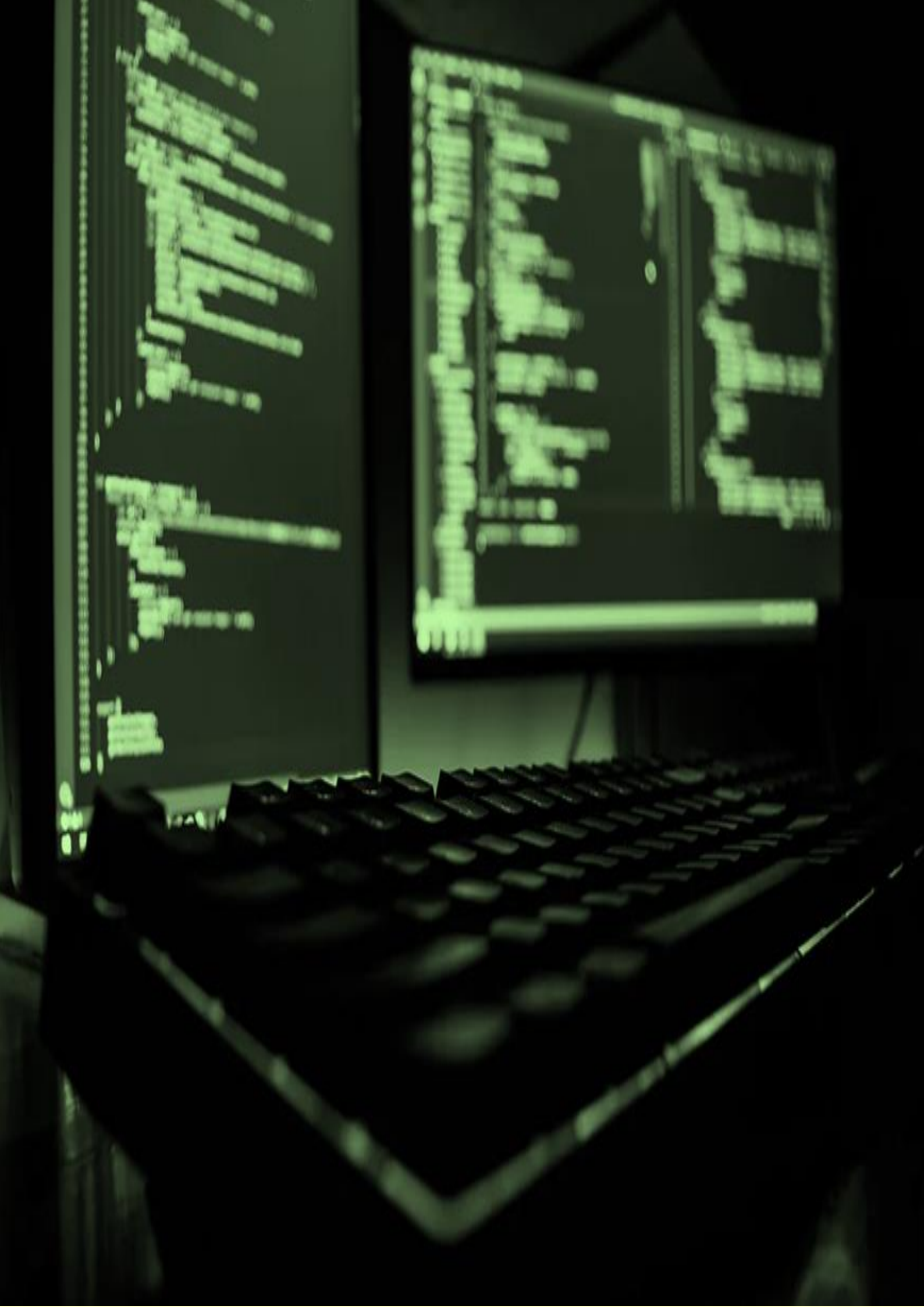
Inclui Bibliografia.

DOI: 10.5281/zenodo.7271994.

ISSN - 1º Volume.

1. Economia. 2. Sociologia. 3. Objeto e Escopo da Sociologia. 4. Correntes Sociológicas. I.
Centro de Estudios por la Amistad de Latinoamérica, Asia y África. II. Centro de Pesquisa
Econômica e Social. III Título.

CDD 330
CDU 316



EDITORIAL

Esta revista do Centro de Pesquisa Econômica e Social (Ceps) consagra um trabalho que vem sendo realizado por um grupo de pensadores independentes há três anos, mediante reflexões sobre a atualidade dominada pelas contradições do sistema global de poder, que desencoraja projetos de desenvolvimento autônomo.

Ante as identidades bloqueadas pelos processos de internacionalização dominantes, que recrutaram elites locais, a crise sistêmica da Europa e dos Estados Unidos reorganiza alianças multipolares.

Neste contexto, os fundamentos das teorias empíricas, com seus sofisticos axiomas de liberdade, vivenciam revisões críticas multilaterais, que necessitam meio de expressão.

Temos a liberdade de reconstruir teorias, com uma visão sistêmica. Passar em contrapelo as interpretações da história, desvencilhando-a de bias que já se acumulam.

FOCO E ESCOPO

Consagrada ao público acadêmico de diferentes epistemes, a Revista Ceps é publicada em Acesso Aberto e se destina a veicular resultados de pesquisas exploratórias e teóricas.

PERIODICIDADE

A Revista CEPS tem periodicidade quadrimestral, com possíveis edições temáticas extraordinárias.



ISSN: 1º Volume.
DOI: 10.5281/zenodo.7271994
<https://www.ceala.org/revista-ceps-primeira>

Recebido: 21/10/2022.
Aceito: 30/10/2022.
Publicado: 14/12/2022.

Como citar:
PEDRÃO, F. Ideologia, alienação e estranhamento na ordem ultramoderna. *R. CEPS. Pesq. Econ. e Soc.*, v. 1, n. 1, dez./mar., 2022.

Autor correspondente:
PEDRÃO, F. E-mail: fernandopedrao@gmail.com

Ideologia, alienação e estranhamento na ordem ultramoderna

Fernando Cardoso PEDRÃO¹

Doutor em Economia. Professor Titular aposentado da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

RESUMO

Ideologia e alienação constituem a polaridade interativa das relações de produção e indicam como procede o sistema em sua combinação de eficiência e controle social.

Palavras-chave:
Ideologia.
Alienação.
Atraso.
Estranhamento,

RESUMEN

Ideología y alienación constituyen la polaridad interactiva de las relaciones de producción e indican cómo procede el sistema en su combinación de eficiencia y control social

Palabras clave:
Ideology.
Alienation.
Underdevelopment.
Estrangement.

ABSTRACT

Ideology and alienation constitute the interactive polarity of production relations and indicate how the system proceeds in its combination of efficiency and social control.

Keywords:
Ideology.
Alienación.
Retraso.
Asombamiento,

1 APRESENTAÇÃO

A questão do eixo ideologia-alienação é um desafio para o Brasil de hoje onde o processo de formação de classes saiu dos padrões de classes definidas por indústria em sociedade privada para classes definidas pela polaridade público/privado e pela expansão de um terciário multifacético acolhedor do desemprego sistêmico. A sociedade brasileira se debate entre uma consciência de classe fragilizada pela dependência de um Estado controlado por sistemas de interesses espúrios e com um setor privado desnacionalizado dependente de uma demanda retraída.

As relações capitalistas de classe que sustentam ideologias estão cruzadas com relações de dominação de um complexo sistema de apadrinhamento do Estado. Esse panorama aparentemente anárquico na verdade expõe uma ordem da

reprodução da dominação que assume formas espúrias não legais mas funcionais à reprodução da dominação interna.

2 A QUESTÃO IDEOLÓGICA NO MUNDO MODERNO²

A questão ideológica sempre esteve na formação da civilização, sob formas míticas e religiosas, ganhou formalizações racionais nos modos políticos gregos e romanos e tornou-se parte dos conflitos políticos dos sistemas monárquicos modernos. O próprio conceito de ideologia precisa ser esclarecido, entre uma visão idealista de ideologia como projeção de uma interpretação do mundo, ou uma visão materialista que a vê como um conjunto de práticas significantes. No jogo oscilatório entre aristocracia e burguesia assumiu formas de representação de interesses, com uma linguagem dúctil de uma ideologia formal e outra efetiva, usadas como mecanismos de defesa de privilégios. No mundo

¹ Possui ampla experiência como professor universitário e experiência internacional como técnico nas Nações Unidas: Economista Principal e Chefe da Divisão de Economia do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), diretor internacional de programas de cooperação técnica nas áreas de planejamento, projetos, políticas públicas e planejamento urbano e regional no México e Equador; Consultor da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL) para programas de desenvolvimento nos países do Caribe, atuando nos seguintes temas: desenvolvimento econômico, política econômica regional, economia política, meio ambiente e economia energética. (Texto informado pelo autor).

² Na copiosa literatura sobre ideologia destaca-se como síntese o trabalho de Terry Eagleton *Ideologia* que oferece uma visão progressiva do contraponto ideológico efetivo sob discursos da vida política. Por considerar o contraponto básico entre ideologias de dominação e de rebeldia torna-se necessário explorar a dialética entre ideologias do poder e do contrapoder, basicamente dos povos emergidos da colonização.

da desigualdade social do capitalismo, em que se confrontam ideologias representando interesses opostos, o vetor ideológico é parte essencial da turbulência da vida moderna.

3 O COMPONENTE IMATERIAL DA VIDA HUMANA

A vida social se compõe de um componente material visível organizado no cotidiano; e outro componente imaterial invisível que dá o significado do mundo material. O imaterial se divide entre o imaterial imediato consistindo em emoções e valores; e um componente durável, consistindo em crenças que se consolidam em uma esfera sagrada de produção de deuses e uma esfera profana de ideologias, que, finalmente, são uma internalização de valores socialmente processados. O componente invisível compreende uma parte organizada na esfera do consciente; e outra submersa, na esfera do inconsciente. O mundo humano produz ideologias do mesmo modo como produz técnicas agrícolas e como faz a mutação de vida dispersa no mundo da natureza para a vida concentrada em cidades. Em uma visão plenamente histórica as ideologias são parte da vida social como vestuários e hábitos alimentares.

4 A PRODUÇÃO SOCIAL DE IDEOLOGIA

Como disse Marx as ideias dominantes são as da classe dominante que representa os países dominantes. Mas elas se defrontam com as ideias dos dominados que representam as diversas formas de luta contra a dominação. A questão da ideologia tornou-se central na polêmica sobre o choque entre imperialismos e entre nações aderentes à luta mundial sobre poder, quando se desmistificam os motivos do jogo do poder. Para tratar de modo significativo o tema da ideologia é preciso transcender os espaços de experiências nacionais, expondo a universalidade que há sob elas.

Há uma questão ideológica geral da América Latina, que carrega as diferentes combinações etnoculturais geradas pelos sistemas de colonização. As ideologias desigualmente reflexivas indicam diferentes condições de classe. Para investigar sobre o Brasil é preciso começar por reconhecer que a experiência brasileira é parte dos movimentos contraditórios da civilização ocidental com seus diversos componentes etnoculturais, em sua correspondente significância. A produção e as transformações de ideologia são parte de movimentos de produção social que envolvem engajamento de pessoas individualmente e por meio de classes e de estamentos sociais.

A produção social é ativada por motivos materiais diretos como fome e frio; e por motivos indiretos subjacentes de poder, representando mobilização de interesses. Junto com resultados materiais há sedimentações imateriais que são ideologias, desde aquelas simplesmente intuídas até as processadas de modo reflexivo por filtros culturais. A produção social de ideologia é a formulação subjetiva de modos generalizados de relações, onde se formulam representações de identidade de grupos e classes.

As sociedades antigas de lenta mutação geraram ideologias estáveis como as das aristocracias, que foram corroídas pela aceleração das relações sociais promovida pelas sociedades mercantis em sua prioridade de troca antes que de produção e em sua substituição de privilégios por interesses. Assim,

precarização da vida social impelida pela aceleração da economia gerou ideologias burguesas transitórias, solapou as identidades, fragilizou as individualidades. Na reviravolta social acionada pela monopolização do capital, o campo da ideologia tornou-se um espaço de conflito entre ideologias de dominação consentida e ideologias de dissensão que podem simplesmente manipular rejeição ou insurreição. Os movimentos de resistência à ditadura, no Brasil, na Argentina, partiram de dissensão ideológica.

5 OS COMPONENTES MATERIAIS E IMATERIAIS DO PROGRESSO CONFLITIVO

A sociedade moderna é produto de movimentos conflitivos de superação em modos de organização personalizados e despersonalizados, em formas tribais e imperiais, com derivações em cidades Estado e Estados nacionais, sob pressões imperiais que chegaram ao imperialismo moderno com suas derivações em autoritarismos subalternos. Mas não é um processo linear e gera suas próprias contradições, dando lugar a uma dialética universalizada do conflito, que busca formas de organização que lhe permitam subsistir. A autofagia do imperialismo hoje, plenamente exposta na Europa, onde os impérios coloniais arcaizados dão lugar a uma subalternidade insustentável, expõe o fundo ideológico do imperialismo, que precisa de nações subalternas para se reproduzir. Revela-se o perfil universalizado da dialética da ideologia, onde a necessidade de oprimir do imperialismo resulta em seu isolamento com sua internalização de crise, como agora acontece com os Estados Unidos, preso em sua própria arcaização ideológica.

Assim, esta ultramodernidade opera entre a autofagia operacional, conseqüente de modelo de usos de recursos que não tem; e o imobilismo ideológico que vai a par da estagnação econômica, que são sinais do ocaso, em que a autorreprodução tecnológica se separa das necessidades orgânicas da reprodução do império. As renúncias de ministros e as contramarchas da política econômica apontam a erupção da decadência protelada do Reino Unido e a queda inesperada da Alemanha.

Esse movimento se desdobra ao sistema de dependência em que surgem reações conservadoras nacionalistas como defesa da expansão do imperialismo, ressuscitando teses que já foram das esquerdas regionais. A direita recrudescer como emanação contraditória do imperialismo, em conflitos de interesse do bloco euro-americano.

6 O SUBSTRATO IDEOLÓGICO

O reconhecimento de um substrato ideológico descobre uma questão básica sobre motivos, que expõe a diferença entre motivos imediatos, como de renda para sobreviver; e motivos mediatos, que vão desde interesse pelos filhos até interesse por uma coletividade nacional. Essa divisão foi exposta nas revoltas contra o absolutismo e pela Revolução Francesa. O papel da ideologia na sociedade moderna é um dos maiores achados do fim do absolutismo francês – Destutt de Tracy – que descobre o fundo imaterial da produção material. Na história da desigualdade social do capitalismo moderno as ideologias se dividem entre as que representam os sistemas de poder repressores instituídos e as que procuram reduzir desigualdades e promover progresso social. O essencial é que

as ideologias refletem o mundo da realidade, portanto, que se desenvolvem sobre situações concretas de classe.

Ideologia é atributo de civilização e aparece primeiro no Mediterrâneo oriental, desde a civilização minoica. Novos achados sobre a civilização minoica fazem recuar a cultura grega para antes do que já reivindicava Jean Pierre Vernant³³. As ideologias são fruto de experiências de sobrevivência que envolvem uso de meios materiais e formas de organização. São sempre produto de coletivos que se organizam para perenizar a sobrevivência. Por isso criam tradições que são mecanismos de repetição, tendentes a criar classes sociais. O desenvolvimento de um pensamento reflexivo depende sempre das condições privilegiadas de um estrato social capaz de ter uma visão de conjunto dos processos sociais. Por isso, ideologia é sempre coisa de alguma elite.

Neste estudo apresentam-se os fundamentos materiais das ideologias em sua situação histórica e em sua relação interativa com o desenvolvimento da civilização material moderna. Os fundamentos ideológicos iniciais da produção material moderna surgiram no âmbito das principais religiões, a cristandade e o islamismo, em que as mutações ideológicas do lado cristão ensejaram a produção capitalista. Esta se nutriu da dialética entre a reprodução da aristocracia representante do modo feudal e a burguesia representante do capital urbano. A produção mercantil burguesa realizou a operação básica de controle da terra por meio de sua aliança com as monarquias e o absolutismo, conseguindo aí as bases do autoritarismo que sustentou o colonialismo. Não se encontrarão explicações satisfatórias do colonialismo sem essa referência do processo europeu. Assim, é a ideologia do capital mercantil que responde pelo movimento geral de modernização que junta o princípio feudal da grande propriedade rural com o controle das rotas de comércio.

Serão revoluções tecnológicas administradas por esse sistema que realizarão a passagem da grande produção artesanal para a manufatureira e para a produção fabril. Serão fusões da modernização rural com as das manufaturas que farão a diferença. A civilização material se fez, portanto, pela socialização de práticas urbanas sustentadas por revoluções da produção rural e progrediu sobre sucessivas expansões da fronteira agrícola, primeiro na Europa, depois nos Estados Unidos e hoje nos dois movimentos de aprofundamento da fronteira nos Estados Unidos e na Rússia e de extensão na América Latina, especialmente no Brasil e na Argentina. A relação essencial entre fronteira agrícola, como representativa da produção de carnes e cereais e produção urbana, industrial e de serviços, continuou sendo essencial no capitalismo que desenvolveu uma complexa produção industrial de alimentos com objetivos próprios de mercado, apoiada no controle da produção rural, mas dependente de resultados agrícolas⁴. Estes agora se dividem entre objetivos de produtores e de agronegócios integrados ao sistema de capital financeiro. Mas a relação essencial se realiza com a consolidação de um grande setor de capital sustentado pela propriedade fundiária. A articulação da produção rural com a urbana se realiza por meio da bolsa de valores, pelo que se torna necessário considerar o peso determinante dos países demandantes de produtos rurais que hoje predominam na configuração da demanda mundial. São diferentes condições de demandantes,

desde os produtores islâmicos de petróleo até o principal comprador que é a China.

Há, portanto, uma ideologia mercantil subjacente no sistema mundial de produção industrial que avança pela precarização emprego até a precarização das empresas que subsistem por aprofundamento da exploração em mercados em contração. O sistema tornou-se mais destrutivo, encurtando a vida útil das mercadorias e apagando empresas que são marginalizadas em mercados locais. Os sistemas em teia de aranha de redes comerciais ganham capacidade indutora de produção, criando monopólios pelo controle do consumo. É mais importante vender que produzir e se criam sistemas internacionais de consumo que utilizam redes de serviços por grupos de renda, como é o caso da mundialização da oferta por turismo. O turismo é um modo de consumo que começa com a mercantilização de bens livres e explora o negativo da civilização material que é o uso de tempo por parte dos trabalhadores.

7 IDEOLOGIA COMO IDENTIDADE

Ideologia em geral é uma consciência da vida prática que se processa como valorização do trabalho. É algo que vale para artesãos e para intelectuais e distingue o trabalho profissional do amador. No essencial, a modernização se faz por meio de uma valorização do trabalho que se socializa como distinção de classe. Foi assim para a cavalaria que se tornou aristocracia, tanto como para a mecânica de automóveis. Não há civilização sem valorização do trabalho nem há exército de reserva em geral.

A alienação dos trabalhadores no capitalismo na fase do capital industrial criou um estrato de trabalhadores semiqualeificados sem acesso a especialização que passou a constituir o corpo de trabalhadores sem meios suficientes para qualificação, que estão condenados a serem explorados como não qualificados, submetidos à mediocridade da comercialização da educação. No funcionamento da atual sociedade do capital, em que o trabalho é um custo a ser reduzido pelas empresas e pelo governo, esse trabalho desqualificado é candidato virtual ao desemprego. Assim como desaparecem compromissos de regularidade no contrato de trabalho os trabalhadores de baixa qualificação efetiva são expelidos dos empregos produtivos e são relegados a uma informalidade defensiva. A análise do emprego se transforma em análise da esfera da informalidade com sua complexidade e suas regras de reprodução.

A consciência do significado social da informalidade fomenta a reação que se mostra no antivalor da contravenção, ou da hostilidade de classe exposta que instiga a apropriação de todas as formas possíveis. Revela-se plenamente o fundamento de classe das ideologias, do qual derivam religiões defensivas e formas de comunidade que tentam sobreviver ao capitalismo negando sua existência. Mas é uma exploração insidiosa que avança pelo controle das massas desempregadas na proliferação de religiões sem teologia.

³³ Jean Pierre Vernant. *Origens do pensamento grego*. 1983.

⁴ Os agronegócios são uma parte da cadeia do grande capital no campo que continuam limitados pelas carências das estruturas comerciais dos países exportadores.

8 IDEOLOGIA COMO ESTÉTICA DA LIBERDADE

A atividade humana tem um componente de opressão ramificado em sistemas de poder desde o familiar até o nacional e opera sobre a contraposição entre obediência e liberdade. Ao longo do tempo esse processo se desenvolve sobre um fundo cultural que contém um componente de racionalidade e outro de irracionalidade. Essa duplicidade, que foi descoberta na Renascença por Petrarca, tem um componente negativo destrutivo, que é o lado repressor da civilização, e um lado positivo que é estético, que se desenvolve como sublimação do cotidiano, que evolui desde as pinturas rupestres até a arquitetura ática, que se separou do cotidiano, até a pintura de Caravaggio e a escultura de Michelangelo que descobriram o fundo cósmico da civilização. A estética se torna o viés de independência que reage surdamente aos sistemas ideológicos do poder. O fundo estético é a sublimação da consciência utilitária, descobrindo a liberdade como gratuita. A liberdade estética das formas sociais utilitárias, seja, o ideal do belo independente do objeto, aponta a possibilidade de uma ética da liberdade.

9 ALIENAÇÃO

9.1 A produção social de alienação

A corrosão das identidades causada pelo desmonte da sociedade tradicional no vazio da burguesia subalternizada deu lugar a processos complexos de alienação, resultando em desvalorização das elites dependentes e em impugnação ideológica dos setores sociais de baixa renda. Os populismos primitivos que proliferaram na América Latina, que cooptaram classes médias para novas formas de conservadorismo modernizado, foram acionados por movimentos sutis de alienação generalizada, insuflados por sistemas de comunicação aparelhados pelo grande capital. Encontra-se, portanto, que são processos de alienação que se expandem e aprofundam, que ganham legitimidade em políticas defensivas, tornando-se uma cooptação das ideologias do desenvolvimento. Processos que se reproduzem como individuais tornam-se fatores da dinâmica do atraso. Trata-se, de fato, de descobrir os processos de alienação que paralisam as políticas nacionais de desenvolvimento.

9.2 Os processos específicos de alienação

O componente imaterial do movimento geral de modernização compreende a produção social de ideologia e seu anverso que é a produção social de alienação. A sociedade produz as ideologias que correspondem aos interesses fundados no controle da riqueza e produz a alienação que se desenvolve como a falsa representação de interesses que resulta em relações de classe externamente controladas. O Brasil tornou-se um exemplo de capitalismo tardio em que prevalece um componente superior de classe dominante diluída e internacionalizada em contraponto com classes organizadas pela exploração e com mobilidade negativa. A progressão dos modos de dominação no Brasil adiantou a alienação como movimento que alimentou uma falsa relação de classes conduzida pela aliança entre o bloco dominante, fundado em relações de subalternidade às potências hegemônicas, e o Estado construído como aparelho de controle social. O sistema político se enraizou como sistema de opressão dotado da capacidade de outorgar falsas vantagens cujo verdadeiro

significado é conter a pulsão revolucionária. O grande mecanismo político é o controle da alienação, que é uma função exercida pela mídia controlada pelo grande capital.

A grande virada do século marcou uma mudança no sistema mundial de poder, que denota a substituição da supremacia do mundo ocidental por uma nova pluralidade encabeçada pela supremacia da China e a consolidação de um bloco eurasiático. É um movimento original, primeiro porque vem com nova liderança tecnológica, segundo porque conduz o maior mercado do mundo e em contínua irradiação; e terceiro conduz novas alianças com os demais continentes. Esse grande movimento engloba uma revolução material em manejo de recursos e uma revolução ideológica, porque expõe a perda de relevância das teorias novecentistas do capitalismo com o mundo da aliança do capital monopolista privado com o Estado controlador. Atinge a sociologia funcionalista e a economia marginalista que se tornou uma dependência cartorial do sistema estatal. Em um mercado sustentado pela demanda pública, direta e indiretamente bélica, não há lugar para análises derivadas do marginalismo nem da teoria positiva do capital.

A invalidação dos aparelhos teóricos do positivismo arrasta uma crítica dos valores, portanto, do fundamento ideológico da teoria social. Torna-se necessário discutir ideologia como artefato de poder. A rejeição ocidental à perspectiva histórica encobre uma opção por um naturalismo – Michelet, Carlyle até Braudel – que justifica uma hegemonia europeia seletiva. É o projeto de poder dos países do Mar do Norte, que realizaram a passagem do capital mercantil para o capitalismo fabril. Assim, o descobrimento do bloqueio do sistema estabelece o papel da ideologia na dialética da relação entre o capital monopolista financeiro e o Estado imperialista belicista. A ideologia passa a ter que ser vista como uma força social ativa com as conotações de culto do progresso material e de alienação.

A atual ruptura do sistema de valores da civilização ocidental, que implica em revelação de sua duplicidade, instiga uma reflexão que contrapõe a real pluralidade e a progressiva complexidade do mundo social à simplificação deliberada das explicações aduzidas pelo sistema de poder.

A percepção histórica da civilização em sua variedade formal e em sua essência unitária descobre a realização de força essencial na produção social de entendimento, isto é, expõe a dinâmica ontológica da relação entre quantidade como repetição e qualidade como diferença. Esses dois planos não se excluem no mundo real, mas sua sobreposição está condicionada pela realização histórica da civilização. Civilização vem a ser o sistema de poder em expansão que se defronta com suas próprias contradições. Todos os pensamentos e todas as ações são parte de civilizações específicas e carregam um significado historicamente situado. A historicidade subjaz nos cotidianos; e a consciência da profundidade histórica é inerente aos modos aparentes de agir, cujo sentido está sempre além dos motivos imediatos.

A expressão material da vida social surge de um mundo de ação que se afirma por meio de repetição, exprime um substrato ideológico, gera formalizações institucionais e reflexões. E constitui uma esfera prática com sua própria dinâmica, que produz consumo de alimentos e de ideias. A produção social de ideologia progride em contraponto com a

produção material e altera os valores dos componentes materiais e imateriais⁵.

A substância ideológica gera modos de expressão que são linguagens representando experiências acumuladas no cotidiano e sua síntese na produção social de conceitos. No essencial todas as linguagens são sínteses ativas de experiências sociais e seus símbolos estão carregados de significado. Assim, encontram-se movimentos concomitantes da superfície prática do cotidiano que revertem em produção ideológica. Tais movimentos se dividem no mundo da ideologia entre formalizações e mistérios; e movimentos do fundo conceitual que passam à esfera ativa, onde, por sua vez, se dividem entre mecanismos da esfera de poder e reflexões transcendentais⁶. No essencial há uma relação ontológica entre ser, pensar e agir, como viu Parmênides, que gera os modos civilizatórios. A civilização suplanta a visão indeterminada do ser, sujeito humano parte de sociedades definidas, impõe uma visão de sujeitos existentes, em tensão entre individualidade e coletividade. Foi a tensão descoberta pelo existencialismo, entre a dialética em Sartre e o niilismo de Camus.

A visão histórica antropológica explica porque as religiões, que são codificações ideológicas, têm formas externas de ritos e modos internos de mistérios que se organizam como teologia: são as consequências culturais da invenção de um Deus protetor que infunde e protege do medo. Em consequência, as religiões se plasam como aparelhos de controle social que aderem aos sistemas de poder intemporais, como hoje representam modos medievais, modos mercantis e capitalistas.

10 O ESTRANHAMENTO

O conceito de estranhamento apareceu com Hegel e foi explorado por Marx como a perda de identidade por uma interiorização da alienação. É a perda de si próprio que não é substituída pela adesão à dominação. Não há saída passiva do estranhamento, que indica ao revés a pulsão revolucionária. O estranhamento é a separação sofrida por migrantes que perdem raízes e são rejeitados em seus lugares de chegada. É a alienação reconhecida pelos alienados. O estranhamento é a perda de si próprio que não é percebida e tende se agravar pelos processos de rejeição tendentes a gerar soluções precárias que transferem tensões ao conjunto. Na dinâmica da dependência o estranhamento alimenta alternativas políticas autodestrutivas que bloqueiam a reversão do subdesenvolvimento.

O estranhamento se aprofunda com a mobilidade forçada das pessoas, determinada por fatores de rejeição que criam fluxos migratórios. Todos esses processos que se alastraram por pressões políticas desde o século XIX e alimentaram as sociedades de migrantes como os Estados Unidos, o Brasil, a Argentina, construíram uma nova geografia humana, que aprofunda os movimentos básicos de alienação.

O estranhamento se alastra como derivação da intensificação de migrações subalternas incitadas pela colonização recalcitrante; e pelas desigualdades orgânicas dos países

⁵ A burguesia arrivista não tem interesse algum em arte, mas compra objetos por prestígio e constrói uma falsa cultura de conveniência que torna comparáveis os burgueses dos diversos países.

periféricos, cujas elites se sentem parte do mundo dominante onde são precariamente aceitos. É um conflito típico do declínio dessa composição imperialista. Na dialética do poder dominante a direita recrudescer em movimentos contraditórios, que opõem nacionalismo a imperialismo, em resistência ao imperialismo expansivo norte-americano. No fundo, é um movimento equivalente ao dos bárbaros pobres que infestaram o Império Romano decadente. Surgem discursos justificativos que sustentam uma obrigação das burguesias centrais a aceitarem migrantes, onde se encontra de fato uma prevalência de fatores expulsivos sobre receptivos. Acumulam-se diferenças entre o estranhamento derivado das primeiras etapas do capitalismo e o que prolifera por efeito de guerras e de opressão interna. É o efeito final de cadeias de contradições que constituem o lado negativo do movimento sistêmico do capitalismo monopolista em sua rejeição de trabalhadores. Torna-se, portanto, necessário reconhecer que o estranhamento é parte essencial dos movimentos humanos sob sistemas que se revelaram ineptos para garantir sua reprodução.

11 CONCLUSÕES

A tensão ideológica é parte integrante do jogo de forças em conflito no cenário mundial em uma composição entre a disputa entre poderes hegemônicos e as diferentes escalas de poderes subordinados. Na evolução das lutas de supremacia neste século a manifestação de ideologias como parte do arsenal bélico utilizado pelos sistemas de informações, expõem diferenças entre ideologias como representações de crenças e ideologias como instrumentos de poder, manipulados como controle de massa. Em consequência os processos de alienação, que parecem ser individuais, são, de fato, intermediações do sistema de poder, alimentadas por meios indiretos, cada vez mais eficazes, substituindo manifestações locais por tendências de desnacionalização. A tensão social causada pela alienação se irradia, gera mecanismos de consentimento, legítima na alienação como resposta de necessidades individuais. Trata-se, portanto, de movimentos sistêmicos da esfera imaterial com efeitos concretos na força de trabalho, na estrutura da ocupação.

A desigualdade conduzida pelos sistemas dos imperialismos, que estendem linhas de controle sobre o futuro da economia, inibe alternativas de autonomia econômica e aprofunda antenas de alienação. Sem povo, mais uma vez independência é ideologia de elites recalcitrantes que representam dissidências heroicas. Mas há tendências gerais inescapáveis que impedem que a ideologia seja apenas um jogo formal e que as elites sejam sufocadas ideologicamente e coagidas a formas compulsórias de alienação. Não há revolta sem povo. O imperativo da revolta é um privilégio ao qual poucos têm acesso. As patranhas da linguagem democrática tornam-se linguagem esvaziada do imperialismo frente ao qual é preciso a ideologia representativa do povo. Mas a identidade do povo surge na contradição das elites que não podem ser elites sem povo. O povo pode viver sem elites, mas as elites não existem sem povo.

A crítica da alienação submersa nos modos culturais asseptizados da burguesia implica em uma crítica das teorias da linguagem que se limitam aos aspectos externos e ignoram

⁶ Como entre Bismarck e Nietzsche, ou entre Mussolini e Mosca, ou entre Francisco de Campos e o Estado Novo.

seu significado substantivo, que é dado por seu fundo cultural. A crítica da linguagem revela a manipulação cultural subjacente nas formas culturais do capitalismo.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. **Du contenu em Hegel**. Écrits. Paris: Maspero, 1957.
- LACKBURN, Robin (org.) **Ideologia na ciência social**. São Paulo: Paz e Terra, 1982.
- EAGLETON, Terry. **Ideologia**. São Paulo: Boitempo, 1997.
- ENRIQUEZ, Eugène. **Da horda ao Estado**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1983.
- JUNG, C. G. **Basic writings**. New York: Modern Library, 1959.
- ROUANET, Sergio Paulo. **Teoria crítica e psicanálise**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.

ISSN: 1º Volume.
DOI: 10.5281/zenodo.7271994
<https://www.ceala.org/revista-ceps-primeira>

Recebido: 21/10/2022.
Aceito: 30/10/2022.
Publicado: 14/12/2022.

Como citar:

SOUZA, M. Habermas, agir comunicativo e educação emancipadora. *R. CEPS, Pesq. Econ. e Soc.* v. 1, n. 1, dez./mar., 2022.

Autora correspondente:

SOUZA, M. E-mail: mariajuliasouza@gmail.com

Habermas, agir comunicativo e educação emancipadora

Maria Julia SOUZA¹

Doutora em Letras pela Universidade Federal da Bahia (UFBA).

RESUMO

Este artigo apresenta uma reflexão sobre Educação como possibilidade de superação da razão instrumental utilitarista e caminho para resgatar a razão emancipadora do ser humano, tomando-se por base a construção do conceito de Ação Comunicativa, de Jürgen Habermas, como referência teórica, uma vez que se trata da retomada da racionalidade moderna, com o ser humano como sujeito do conhecimento, cuja emancipação depende da sua competência para agir comunicativamente, ou seja, cuja liberdade depende de relações sociais mediadas pela razão e pela linguagem, na busca por consensos. A razão comunicativa se dá a partir da racionalidade que é individual, mas que se revela na dinâmica social, mediadora entre pensar e agir. No caso dos processos de aprendizagem, a ação comunicativa fundamenta-se em competências como a capacidade reflexiva, de problematização e de argumentação crítica dos sujeitos.

Palavras-chave:

Ação Comunicativa.
Educação Emancipadora.
Filosofia da Linguagem.

RESUMEN

Este artículo presenta una reflexión sobre la Educación como posibilidad de superación de la razón instrumental utilitaria y forma de rescate de la razón emancipatoria del ser humano, a partir de la construcción del concepto de Acción Comunicativa, de Jürgen Habermas, como referente teórico, ya que se trata de la reanudación de la racionalidad moderna, con el ser humano como sujeto de conocimiento, cuya emancipación depende de su competencia para actuar comunicativamente, es decir, cuya libertad depende de las relaciones sociales mediadas por la razón y el lenguaje, en la búsqueda del consenso. La razón comunicativa proviene de la racionalidad que es individual, pero que se revela en la dinámica social, mediadora entre el pensar y el actuar. En el caso de los procesos de aprendizaje, la acción comunicativa se basa en competencias como la capacidad de los sujetos para reflexionar, problematizar y argumentar críticamente.

Palabras clave:

Acción Comunicativa.
Educación Emancipadora.
Filosofía del Lenguaje.

ABSTRACT

This article presents a reflection on education as a possibility to overcome the utilitarian instrumental reason and a way to rescue the emancipatory reason of the human being, based on the construction of the concept of Communicative Action, by Jürgen Habermas, as a theoretical reference, since it is the resumption of modern rationality, with the human being as the subject of knowledge, whose emancipation depends on his ability to act communicatively, that is, whose freedom depends on social relations mediated by reason and language in the search for consensus. The communicative reason is given from the rationality that is individual, but that reveals itself in the social dynamics, mediating between thinking and acting. In the case of learning processes, the communicative action is based on skills such as reflexive capacity, problematization and critical argumentation of the subjects.

Keywords:

Communicative Action.
Emancipatory Education.
Philosophy of Language.

1 INTRODUÇÃO

No atual estágio de esgotamento da razão instrumental, estão em crise tanto o processo de individuação quanto de socialização. Segundo a psicanálise, o laço social se dá a partir de um duplo processo de identificação com o outro e de formação da identidade do eu. Todavia, no atual contexto da civilização ocidental, há crise na formação dos diversos laços sociais. Família, escola, trabalho, relações afetivas, permeadas pelo excesso de tecnologia e mercantilização. A formação da identidade pressupõe, simultaneamente, o idêntico e o

diferente. (DIAS, 2017). A homogeneização e simplificação da cultura pela lógica utilitarista substitui individuação por individualismo e laço social por isolamento, apesar dos recursos tecnológicos e comunicacionais, que estão organizados a serviço do Capital

O mal-estar sentido pela humanidade em termos globais vem sendo tratado por inúmeros pensadores (marxistas, pós-estruturalistas, existencialistas), desde a segunda metade do século XX, como fruto das crises cíclicas e estruturais do capitalismo conjugadas a questões ecológicas, étnicas, éticas,

¹ Possui graduação em Ciências Econômicas pela Universidade Federal da Bahia (1995), mestrado em Artes pela Universidade Federal da Bahia (1998) e doutorado em Letras pela Universidade Federal da Bahia (2004). É Analista de Gestão em Saúde da Fundação Oswaldo Cruz - FIOCRUZ, desde 2008, atuando como Chefe do Serviço de Gestão do Trabalho do Instituto Gonçalo Moniz (FIOCRUZ-BA), desde 2013, também responsável pelo Núcleo de Saúde do Trabalhador na Fiocruz Bahia. Tem experiência profissional nas áreas de Gestão da Qualidade e Gestão de Projetos. Atualmente, interessa-se pelos seguintes temas de pesquisa: Saúde Mental & Trabalho, Desenvolvimento de Pessoas e Equipes, Mediação de Processos e Gestão de Conflitos; e Saúde Ambiental. (Texto informado pela autora).

geradoras de disjunções sociais cada vez mais complexas. Os excessos da razão instrumental aplicada não apenas à produção, mas também às mais variadas formas de relação social e de pensamento resultou em fragmentação do saber, destruição de comunidades tradicionais e seus legados culturais, desvinculação das pessoas do sagrado e substituição por formas de religiosidade colonizadas, submissão radical da natureza à espoliação utilitarista, dentre outras questões. (HARVEY, 1989)

A figura do cientista moderno, herdeiro da racionalidade iluminista, formada a partir do século XVI até a primeira metade do século XX, vem perdendo a centralidade e deixando de ser o sujeito dessa racionalidade, passando cada vez mais a um papel de sujeição ao funcionalismo da razão instrumental. Segundo essa razão, a validade do conhecimento se dá via empirismo reducionista, que dispensa, cada vez mais, a lógica racional, substituindo criatividade por reprodução. O objetivo deixa de ser a emancipação do ser humano e passa a ser a emancipação do sistema, tendo como resultado mais visível a mercantilização do conhecimento, do trabalho, da educação, da cultura, da religião

Subverter a lógica instrumental, em especial na educação, deve ser o primeiro caminho para resgatar a razão emancipadora do ser humano. Neste artigo, apresenta-se o pensamento de Habermas como referência teórica para subsidiar uma reflexão sobre Educação, uma vez que ele trata da retomada da racionalidade moderna, com o ser humano como sujeito do conhecimento. A emancipação do sujeito depende da sua competência para agir comunicativamente, ou seja, sua liberdade depende de relações sociais mediadas pela razão e pela linguagem na busca por consensos.

A razão comunicativa de Habermas se dá a partir de uma racionalidade que é individual, mas que se revela na dinâmica social, mediadora entre teoria e prática. No caso dos processos de aprendizagem, a ação comunicativa atribui à capacidade reflexiva - de problematização e de argumentação crítica dos sujeitos - competências fundamentais.

2 DA TEORIA CRÍTICA AO AGIR COMUNICATIVO

Jürgen Habermas é o grande expoente da segunda geração da Escola de Frankfurt. Acusado de relativização das teses da Teoria Crítica, especialmente em consequência da sua aproximação à filosofia pragmática americana, é inegável que Habermas, inserido nos debates sociais, políticos e culturais contemporâneos, abriu novas perspectivas teóricas, preservando as orientações críticas, sobretudo no que diz respeito às investigações sobre os paradoxos do desenvolvimento capitalista. (SILVA, 2006)

A primeira geração da Escola de Frankfurt, liderada por Horkheimer e Adorno, herdou de Lukács a pretensão de emancipar o homem pela conscientização das condições concretas das suas relações sociais e de produção, bem como do seu conhecimento do mundo. A realidade social deve ser vista como uma construção humana, e não como um elemento “dado”, à semelhança do mundo natural. Entretanto, a sociedade capitalista tenderia a ocultar a possibilidade de mudança do mundo social e a tarefa das ciências sociais seria fornecer uma reflexão - e não uma teoria - acerca das origens da sociedade, fundada na conscientização dos participantes do mundo social. Portanto, a primeira geração de Frankfurt

ofereceu uma abordagem teórico-social de análise dos paradoxos do mundo capitalista, segundo métodos de ciência social qualitativa, e viam a razão iluminista não como um caminho para a emancipação, mas como responsável pela criação de novos domínios pela via da racionalidade técnica, ou seja, de uma razão instrumental. (INGRAN, 1994)

Horkheimer e Adorno defendiam que a alienação seria superada com a emergência espontânea da razão emancipadora, a partir das relações sociais de produção. Um dos equívocos da Teoria Crítica seria, segundo Habermas, o de prender-se à categoria trabalho como constituidor da razão emancipadora, sem considerar outras categorias de mediação. (HABERMAS, 1982)

Habermas se distanciou da primeira geração de Frankfurt ao buscar especificar as condições sob as quais as relações humanas estariam livres de dominação - esse interesse pragmático teve raízes na sua relação com a filosofia analítica. Enquanto a primeira geração via nas diversas formas de crises da sociedade (econômicas, políticas, sociais) a oportunidade de emancipação humana, Habermas identificou como principal fonte de impulsos emancipadores as formas ideais de interação interpessoal da vida cotidiana, especialmente da comunicação linguística. Desse modo, instaura a perspectiva de uma “razão comunicativa”, fundada no reconhecimento da permanente tensão entre o mundo social e o “mundo da vida”, porém com uma nova percepção de como os sujeitos interagem no espaço público, de tal modo que possam interferir na realidade social. Presos ao paradigma da consciência, os teóricos de Frankfurt não reconheciam o caráter criticável da verdade, fundamento da razão comunicativa. (INGRAN, 1994)

Entre 1971 e 1981, no Instituto Max Planck de Pesquisa Sobre Condições de Vida no Mundo Técnico-Científico, em Starnberg, Alemanha, Habermas coordenou um extenso trabalho empírico que gerou produções teóricas nas áreas de psicologia, comunicação, sociologia e, principalmente, contribuiu para o seu estudo de filosofia analítica da linguagem, base para o desenvolvimento de uma pragmática universal da comunicação, estruturada na sua Teoria do Agir Comunicativo, publicada em 1981.

Sólo el concepto de acción comunicativa presupone el lenguaje como un medio de entendimiento sin más abreviaturas, en que hablantes y oyentes se refieren, desde el horizonte preinterpretado que su mundo de la vida representa, simultáneamente a algo en el mundo objetivo, en el mundo social y en el mundo subjetivo para negociar definiciones de la situación que puedan ser compartidas por todos. Este concepto interpretativo de lenguaje es el que subyace a las distintas tentativas de pragmática formal. (HABERMAS, 1987, p. 137-138).

A Teoria do Agir Comunicativo instaura um novo marco teórico para o entendimento da evolução do capitalismo, utilizando os conceitos de “mundo da vida” e “agir comunicativo” para o entendimento da linguagem enquanto categoria fundamental para o redimensionamento da razão, ou das diversas instâncias da racionalidade (teórica, prática, estética). (INGRAN, 1994)

Deslocando-se do paradigma da consciência para o paradigma da comunicação, Habermas supera a visão dialógica da linguagem enquanto representação (sujeito-objeto) e, conseqüentemente, da razão centrada no sujeito, em direção à dimensão comunicativa da linguagem, articulando três termos: falante - objeto - ouvinte, de modo que o processo comunicativo, fundamentado na razão comunicativa, permitiria a construção de consensos e

entendimento mútuo por meio do diálogo. Habermas supera o paradigma da representação – e põe em questão o problema da individualidade – quando coloca a fala no centro da dimensão comunicativa da linguagem, deslocando o problema da verdade para o espaço público. Saindo do lugar de observador imparcial (consciência absoluta) em direção à intersubjetividade do agir comunicativo, Habermas ancora sua teoria na prática da interação discursiva dos sujeitos, que precisam se reconhecer enquanto tal e buscar consensos sobre as coisas do mundo (mundo da vida). (HABERMAS 1987)

O positivismo, por seu turno, nega a própria reflexão e a crítica na medida em que exclui a possibilidade de questionamento do próprio sentido do conhecimento e do próprio sujeito que conhece. A negação da reflexão sobre o conhecimento pelo positivismo resultou na identificação do conhecimento com a ciência, e na fé exclusiva na validade da ciência empírica.

De fato, o pensamento de Habermas combina uma teoria da comunicação normativa, que justifica a possibilidade de uma ação social coordenada como caminho para o entendimento mútuo, com uma teoria do discurso que explica como as afirmações dos participantes dos processos comunicativos são justificadas. Dito de outro modo, o entendimento mútuo, baseado numa justificação discursiva, é fruto da necessidade de coordenação social para se atingir um acordo, e esse processo só é possível devido ao potencial racional da ação comunicativa.

A ação comunicativa se dá quando duas ou mais pessoas procuram expressamente chegar a um acordo voluntário (*Verständigung*) de modo a poder cooperar. Embora pessoas que estejam inter-relacionadas em outros tipos de ação possam comunicar-se para coordenar seus esforços, não é necessário que o façam com o objetivo expresso de chegar livremente a um acordo. [...] a ação comunicativa envolve um esforço explícito e concertado de alcançar acordo sobre todo o espectro das reivindicações de validade (tomando como tema, simultaneamente, os três domínios de referência) e, portanto, transcende os outros tipos, mais limitados e menos reflexivos. (INGRAN, 1994, p. 53).

O debate político público é a base para a solução de injustiças sociais, entretanto esse debate público é dificultado ou impedido pelo interesse das classes dominantes. A ideia de Habermas de que um debate político público e justificado racionalmente baseado numa ação comunicativa é o caminho para o entendimento social tem raízes numa concepção de universalidade e de unidade da razão que o distancia de outros pensadores contemporâneos e o aproxima, de certo modo, dos ideais teóricos da modernidade.

A ideia de que por trás de situações cotidianas de entendimento humano mútuo há uma racionalidade levou Habermas a questões de filosofia da linguagem que o aproximou da filosofia analítica e colocou no centro da sua análise categorias universalistas, resgatando a herança iluminista da razão emancipadora.

[...] la "gran" filosofía, que tiene en Hegel su culminación y remate, precisamente por no haberse presentado el momento de esa su realización que una vez fue posible y que Marx había proclamado, sigue siendo el único lugar que nos queda para recordar la promesa de una situación social verdaderamente humana y en este sentido, bajo las ruinas de la filosofía, yace también enterrada la verdad capaz de dar al pensamiento crítico su fuerza negadora y trascendadora de la cosificación. (HABERMAS, 1987, p. 481).

Ao invés de enfocar questões sobre as estruturas da consciência e as crises do sistema capitalista como chaves para a crítica social, Habermas buscou compreender as leis

gerais e universais da ação comunicativa, assumindo a crítica às deficiências normativas das teorias pós-modernas, uma vez que vê o pensamento pós-modernista como enganoso e perigoso, pois ataca o recurso mais básico utilizado pelo homem para sair da barbárie: a razão comunicativa. (HABERMAS, 1987)

A perspectiva epistemológica de Habermas passa pela sua teoria dos interesses cognitivos, segundo a qual há uma unidade indissociável entre conhecimento e interesse em todos os campos do conhecimento. O conhecimento pressupõe certos interesses. No caso das ciências histórico-hermenêuticas, o interesse que orienta o processo de conhecimento é o interesse comunicativo, base do agir comunicativo, segundo o qual as pessoas relacionam-se entre si por meio de normas linguísticas, cujo objetivo é o entendimento mútuo. Esse interesse comunicativo, assim como o interesse técnico de dominação da natureza, deve estar submetido ao interesse fundamental de emancipação. Enquanto o conhecimento instrumental permite o domínio da natureza pelo homem, segundo suas necessidades, o conhecimento comunicativo permite ao homem libertar-se de toda forma de dominação e repressão social. (HABERMAS, 1982)

Contrariamente, no capitalismo avançado, o conhecimento e a técnica assumem o papel de ideologia, pois, como mecanismos de sujeição ao Capital, cumprem a função de impedir a problematização dos fundamentos do poder e sustentar a reprodução das relações de produção. (ALTHUSSER, 2007). As normas não são discutidas, mas aceitas como legítimas. A ideologia tecnocrática visa não a legitimação das normas, mas a sua substituição por regras técnicas que, por sua vez, não precisam ser justas, mas eficazes. O interesse instrumental substitui o interesse comunicativo. A ação instrumental substitui a ação comunicativa.

Na introdução a uma coletânea de textos de Habermas, publicada em 1980, Barbara Freitag e Sérgio Paulo Rouanet afirmam que a crítica é um processo de autorreflexão e autoquestionamento, por meio do qual as neuroses sociais – elementos reprimidos pelo processo histórico – e individuais podem ser superadas rumo à emancipação. Na sua crítica da cultura, Habermas tem como objetivo refletir sobre esses elementos reprimidos, no sentido de revelar a relação entre a falsa teoria (positivismo) e a falsa práxis (capitalismo avançado), bem como de demonstrar a interpenetração entre teoria e prática por meio da competência comunicativa. (FREITAG e ROUANET, 1980)

No decorrer do século XX, a linguagem converteu-se em uma das questões fundamentais da filosofia contemporânea, reconhecida como instância de articulação da inteligibilidade do mundo. As perguntas deixam de ser sobre a essência e passam a ser sobre a significação que, por sua vez, depende do contexto em que tem validade. É o contexto concreto que atribui o sentido.

O conceito de competência comunicativa funda-se em condições universais para a produção de enunciados, nas quais se baseiam as situações reais de fala. A mesma sentença assume diferentes sentidos pragmáticos (intersubjetivos), conforme a intenção da enunciação. Portanto, toda comunicação é também metacomunicação, pois o sentido de uma sentença transcende o seu significado restrito, de acordo com cada contexto ou intenção.

O conceito de consenso em Habermas está ancorado em quatro expectativas de validade, são elas:

[...] a de que os conteúdos transmitidos são compreensíveis, a de que os interlocutores são verazes, a de que os conteúdos proposicionais são verdadeiros, e a de que o locutor, ao praticar o ato linguístico em questão (afirmando, prometendo, ordenando), tinha razões válidas para fazê-lo, isto é, agia de acordo com normas que lhe pareciam justificadas. (FREITAG e ROUANET, 1980, pp. 17-18).

A questão é como é possível resolver os problemas inerentes a essas expectativas. Em relação à compreensão dos conteúdos e à veracidade dos interlocutores, os problemas podem ser resolvidos na própria relação entre os interlocutores. Entretanto, a veracidade dos conteúdos e a justificativa das normas só podem ser problematizadas num contexto transcendente ao universo restrito da interação, o que Habermas define como o discurso. O discurso é uma forma específica de comunicação na qual a veracidade dos conteúdos e a legitimação das normas são provisórias e estão sempre submetidas a um processo de busca pelo consenso. (HABERMAS, 1987)

A sobrevivência de uma sociedade depende da interação harmoniosa dos indivíduos – com base em normas universalmente aceitas – e da sustentação do propósito moral. Essa interação sujeito-sociedade baseia-se na experiência pessoal de indivíduos que adquirem significados gerais reconhecidos pela sociedade. A relação entre experiência pessoal e significados gerais vinculam indivíduo e sociedade por meio da comunicação. A comunicação, portanto, define um sentido compartilhado de significação e valor, possibilitando a formação de uma cultura. Habermas substitui comunicação por “agir comunicativo”, dando centralidade ao discurso, pois a veracidade dos conteúdos é problematizada no discurso teórico e a legitimação das normas, no discurso prático. Assim, a ruptura entre teoria e prática operada pelos positivistas, e tão cara ao sistema capitalista, é eliminada.

Para os positivistas lógicos, apenas as proposições descritivas poderiam ser determinadas como verdadeiras ou falsas. Já os valores e leis morais (prescritivos) estariam no âmbito da doxa, ou seja, da crença ou opinião, não podendo ser definidos como verdadeiros ou falsos. À Verdade positivista, Habermas opõe verdades provisórias. Tanto o discurso teórico quanto o discurso prático são passíveis de serem verdadeiros ou falsos. Em outras palavras, são sempre provisoriamente verdadeiros.

Todo proceso de entendimiento tiene lugar sobre el trasfondo de una precomprensión imbuída culturalmente. El saber de fondo permanece aporoblemático en su conjunto. Sólo la parte de ese acervo de saber, que los participantes en la interacción utilizan y tematizan en cada caso para sus interpretaciones, queda puesta a prueba. [...] Es más realista la imagen que nos ofrece la etnometodología de una comunicación difusa, frágil, constantemente sometida a revisión y sólo lograda por unos instantes, en la que los implicados se basan en presuposiciones problemáticas y no aclaradas, siempre moviéndose por tanteos desde algo en lo que ocasionalmente están de acuerdo a lo siguiente. (HABERMAS, 1987, p. 145).

A despeito do entendimento sobre a provisoriedade dos discursos, Habermas afirma que a construção de consensos legítimos dependeria da “situação linguística ideal”, que é uma situação ideal de fala em que a comunicação estaria livre de coações e influências externas contingentes, em que haveria simetria entre as posições de falantes e ouvintes e cujos participantes agiriam segundo normas justificáveis e satisfazendo o pressuposto da veracidade, condições que configurariam o modelo de ação comunicativa pura. (Idem, p. 426)

A situação linguística ideal e o modelo de ação comunicativa pura são paradigmas críticos que orientam as formas de interação e o discurso. A verdade de uma afirmação não está na sua correspondência a um objeto ou fato, mas na sua legitimação pelo discurso. Assim, a verdade não tem a ver com conteúdos, mas com as condições para alcançá-la. Entretanto, o caráter provisório não a relativiza, pois o paradigma da comunicação ideal, pressuposto em cada ato comunicativo, fornece os critérios de verdade.

Habermas julga que estão dadas, em nossa época, as condições para problematizar as normas existentes, por meio de uma tematização discursiva, tão próxima quanto possível da situação linguística ideal, que permita substituir o pseudoconsenso unidimensional por um verdadeiro consenso. A humanidade teria alcançado um estágio, inclusive, em que pela primeira vez a legitimação das normas não depende de conteúdos específicos (visões de mundo, religiões, filosofias políticas) e sim da exigência formal de que quaisquer normas e instituições precisem ser legitimadas. Nossa época estaria, assim, sob o signo de uma permanente exigência crítica: às legitimações tradicionais, baseadas em conteúdos, substitui-se uma legitimação processual: são legítimas, não as normas e instituições justificadas por uma ou outra filosofia, por uma ou outra ética, e sim as normas e instituições suscetíveis, sempre que necessário, de serem objeto de problematização discursiva. (FREITAG e ROUANET, 1980, p. 43).

3 CONHECIMENTO, LINGUAGEM E EDUCAÇÃO

O paradigma pós-moderno revelou um sem-número de correntes de pensamento, tão diversas quanto contraditórias. Entretanto, alguns princípios estão presentes na maioria delas, especialmente, a atenção à natureza mutante da realidade; a preocupação com a forma, tanto ou mais que o conteúdo; o interesse pela experiência concreta móvel, em detrimento aos princípios abstratos fixos; e, talvez o mais importante, a desconfiança em relação a sistemas axiomáticos como base das investigações.

O conhecimento segundo o paradigma pós-moderno é determinado subjetivamente e influenciado por infinitos fatores. A essência dos objetos não é acessível e a verdade está submetida à contingência da realidade. Em outras palavras, as verdades estão submetidas à ambiguidade e ao pluralismo; portanto, todo conhecimento torna-se relativo e falível. A vontade humana é formadora da realidade, na medida em que o ser humano pensa e atua em seu contexto. Nesse sentido, a realidade não pode ser objetivada e, por isso mesmo, não pode ser completamente controlada e apreendida. Todas as certezas e pressupostos são provisórios. A realidade não é um objeto fechado, mas um processo fluido, sob a constante influência das subjetividades. A realidade não é um fato, mas uma possibilidade e, em grande medida, construída pela mente (não apenas percebida por ela). E como todo entendimento é uma interpretação, não só o conhecimento como a própria realidade são em grande parte, subjetivos.

De fato, a capacidade humana de nomear, definir e simbolizar é elemento fundamental na compreensão da realidade, daí a grande preocupação do pensamento contemporâneo com a linguagem e a comunicação. A certeza de que o conhecimento humano não é absoluto, mas mediado por signos e símbolos histórica e culturalmente variáveis - e, muitas vezes, inconscientes - torna a natureza da verdade e da realidade ambíguas. Mais que isso, há um abismo intransponível entre sujeito e objeto, o que torna o mundo, em grande medida, ininteligível.

Diante do relativismo e da finitude existencial, o ser humano contemporâneo se vê diante de um mundo aberto e sem garantias. Todavia, a ansiedade e o mal-estar terminaram por instigar a criatividade e a reflexão intelectual, ainda que sob a sombra do ceticismo.

A certeza do abismo entre homem e mundo fez o pensamento ocidental voltar-se para a linguagem. Todo o pensamento humano é fruto de uma cultura – e de uma linguagem – complexa e dinâmica; e são as práticas sociais e linguísticas a matéria prima do conhecimento. O pensamento está vinculado à realidade que o determina por meio da linguagem. Wittgenstein (1974) afirmou, por exemplo, que o homem está preso à linguagem como a uma gaiola. Como expressão da realidade, a linguagem não é fixa e, muitas vezes, nem mesmo coerente. Os significados linguísticos e o sentido dos diversos significantes presentes e determinados pelo tecido da realidade são fluidos e contraditórios como a própria realidade. Por esse raciocínio, não existiriam “verdadeiros” significados, estes seriam definidos segundo jogos-de-linguagem, não havendo, portanto, ligação privilegiada entre palavra e verdade. Como não há uma fundamentação definitiva para o conhecimento humano, as certezas provisórias devem submeter-se a valores contingentes estabelecidos consensualmente por meio dos processos comunicativos.

Nesse contexto, Habermas destaca-se como um pensador que dialoga com as angústias pós-modernas, mas apresenta uma teoria – do agir comunicativo – como uma perspectiva unificadora bastante convincente, cujas premissas são suficientemente flexíveis, a ponto de não reduzir a complexidade e diversidade das realidades humanas, e, ao mesmo tempo, integradoras, no sentido de oferecer uma visão universal.

Além do conhecimento e dominação da natureza, o processo civilizatório se dá por meio da transmissão de regras e proibições que fundamentam a organização social. Nas sociedades primitivas (antigas e contemporâneas), essa transmissão se dá via rituais, com origens em ações de sobrevivência e instituição de poder, que são repetidas até que elementos que lhes deram origem sejam abstraídos e deslocados, estruturando a psique humana nos seus aspectos conscientes e inconscientes, comuns a todos os indivíduos. Essa estrutura comum fundamenta os laços sociais e dá origem aos sistemas estruturantes da sociedade, como as religiões e o sentido de moralidade. (ENRIQUEZ, 1990)

Na formação da modernidade, a educação secular substituiu o caráter ritualístico/repetitivo pelo caráter racional/reflexivo. Porém, o aprofundamento da divisão de classes que fundamenta o capitalismo operou também a divisão da educação, reservando o sistema reflexivo para as elites.

O que se observa atualmente, é que a educação excessivamente mercantilizada faz desaparecer tanto o ritual quanto a reflexão. No ritual, a repetição tem um sentido dado (vemos isso na educação militar, por exemplo), já na reflexão, o sentido é criado e recriado, ressignificado. Entretanto, na educação dominada pelo mercado o sentido não é dado e não é construído, estacionando a meio caminho, num lugar de não-sentido. É a educação em que não se ensina e não se aprende verdadeiramente.

O resultado disso é que, na educação fundamental, não se constrói o sentido dos processos educativos (de aprender a

estudar, a compartilhar e produzir conhecimento); e, em seguida, na educação de jovens e adultos, ao primeiro problema é acrescido outro: os educandos não percebem sentido nos conteúdos, não há articulação entre os conhecimentos, nem entre teoria e prática; exceto quando a informação tem caráter essencialmente instrumental, mas, nesses casos, a aplicabilidade também é desprovida de reflexão.

O movimento político-social de cunho conservador radical que se observa na história recente, no mundo e no Brasil, encontra terreno fértil num sistema pedagógico descolado de fundamento histórico e não-reflexivo, patrocinando a retomada da repetição, mas com a criação de novos dogmas, que unem interesses mercantis e privados a fundamentos religiosos.

O pensamento de Habermas propõe o resgate da racionalidade conquistada pela modernidade para solução dos problemas do mundo prático e superação do reducionismo da razão instrumental a serviço do sistema capitalista. Nesse sentido, aproveitar a teoria social crítica para repensar a educação significa buscar identificar situações concretas de dominação ideológica nos processos de aprendizagem por meio da autoconsciência e reflexão.

A autoconsciência só é alcançada por meio da competência reflexiva e o método crítico é o único caminho para a consciência das situações de dominação impostas pelas ideologias dominantes. Na Educação emancipatória, com bases no agir comunicativo racional, a autoconsciência é alcançada por meio do diálogo entre professores e estudantes, não no sentido de que os primeiros sejam agentes formadores de consciência e os segundos indivíduos conscientizáveis, mas que ambos são atores no processo de aprendizagem, que constroem e interpretam significados, sempre buscando superar os elementos que limitam a racionalidade. A Educação para a crítica é a busca da superação da alienação por meio da identificação das ideologias que, visando a dominação dos grupos subjulgados – sejam eles pessoas ou nações, buscam a ocultação das contradições para a preservação da ordem social vigente.

A racionalidade proposta por Habermas é comunicativa porque assentada na realidade social concreta. É a autoconscientização dos fatores de alienação por meio do diálogo e aprendizado coletivo que leva à emancipação. Articulando conceitos, tais como: mundo da vida, espaço público, agir comunicativo construção de consensos, Habermas oferece categorias integradas em uma ampla teoria social, que pode contribuir efetivamente para se repensar a Educação, em termos teóricos e práticos, e em especial nas diversas formas de educação superior, superando a unidimensionalidade cientificista fundada na razão instrumental.

4 PERSPECTIVAS ATUAIS E FUTURAS

Na Educação Superior, há um retrocesso em termos pedagógicos fundado em uma série de questões. das quais, neste artigo, destaca-se apenas duas: de um lado, a formação tecnicista imposta pela necessidade de formação de mão-de-obra para o sistema produtivo (que de fato não se efetiva, fazendo surgir, por exemplo, a necessidade de uma “educação corporativa”); e, de outro lado, a constituição de um corpo de professores especialistas, sem formação pedagógica, oriundos

do mesmo sistema educacional disciplinar, que limita a educação ao conhecimento descritivo.

Nesse ponto, há uma diferenciação a ser feita entre o ensino superior público e o privado. No primeiro, há, tradicionalmente, a organização do ensino sobre o tripé ensino-pesquisa-extensão, em que o eixo pesquisa deveria ser o elemento estruturador de uma educação superior produtora de pensamento crítico e reflexivo, capaz da autocrítica necessária para superar a razão instrumental, incapaz de responder às necessidades sociais pela emancipação, indo além do conhecimento descritivo rumo à interpretação. O ensino superior privado, por outro lado, dominado pelo capital monopolista, está estruturado, no máximo, no binômio ensino-extensão, em grande parte voltado para uma formação tecnicista, que não supre a ausência de escolas técnicas (ainda que tenha sido criada a modalidade de ensino superior "tecnológico") e, em geral, não forma mão-de-obra para o sistema produtivo, mas deforma a educação de nível superior, lato e stricto sensu, anulando a pesquisa e, conseqüentemente, reduzindo expressivamente a criatividade e reflexão crítica da educação superior.

A Educação deve cumprir a tripla função de compreender, relacionar e fazer. O sujeito precisa compreender conceitos e a realidade para alcançar a consciência de si e do mundo; e para isso é necessário resgatar a racionalidade, mas uma racionalidade ressignificada. O sujeito precisa se relacionar com os outros para construir sua identidade a partir da identificação com o outro; e para isso é necessário o desenvolvimento da linguagem e da competência comunicacional, ancorada na racionalidade e na afetividade. O sujeito precisa aprender a agir, racional, comunicativa e afetivamente para transformar a realidade rumo à emancipação.

Segundo José Pacheco, estamos em um ponto de redundância teórica, em termos de Educação.

Há muitas correntes e quem quer fazer diferente tem de ter mais interrogações do que certezas. Considero que na educação tudo já está inventado [...] e não há, felizmente, clonagem de projetos educacionais. (PACHECO, 2008)

Por fim, partindo do pressuposto que não há modelo a ser seguido, enumera-se aqui alguns princípios, que podem ser observados em sínteses particulares que resultaram em experiências educacionais emancipadoras:

- a. A educação básica deve voltar-se para o desenvolvimento do indivíduo e não ter foco em qualificação profissional ou produtividade econômica;
- b. Novos conceitos de espaço devem integrar pessoas, tecnologia e natureza. O ambiente físico onde se desenvolve a educação é muito importante. Na educação básica, o estímulo à relação com a natureza é crucial; na educação em todos os níveis, salas de aula devem ser substituídas por espaços educativos de diálogo, em que os estudantes encontrem ferramentas, pessoas e soluções disponíveis para solucionar problemas;
- c. Realidade integrada. Acolher a complexidade, multiplicidade e diversidade. Não há divisão de pessoas e do conhecimento (grupos, níveis, disciplinas). Os estudantes devem se agrupar para

solucionar problemas e desenvolver projetos. Há estudos individuais e compartilhados;

- d. Desenvolvimento artístico é tão importante quanto o cognitivo-intelectual. Na educação básica, arte deve ser um eixo transdisciplinar. Na educação superior, arte pode ser elemento integrador;
- e. Valorização da inteligência manual. Na educação básica, artesanato, trabalhos manuais, agricultura, carpintaria, mecânica etc.;
- f. Relação equilibrada entre palavra e imagem. Estímulo à imaginação e representação;
- g. Conexão com a cultura local e mundial. A familiarização com arquétipos contribui efetivamente para a compreensão de si e das próprias emoções; e, conseqüentemente, desenvolve empatia, identificação e comunicação afetiva com o outro. Na infância, estimular a leitura de contos e recontos de fadas e contos populares; em todas as idades, a utilização da literatura, teatro e cinema como estratégia para dar significação humanitária ao conhecimento.
- h. Emulação e experimentação. Aprender por meio de exemplos. Na educação básica, comprometimento dos pais ou responsáveis no processo educativo. Na educação superior, professor como mediador, orientador e elemento que possibilita e estimula o diálogo, sem o qual, não há construção do conhecimento.

Se não há condições históricas para uma revolução educacional, que não pode acontecer descolada de mudanças estruturais profundas em todos os setores da sociedade, há sempre possibilidade de reformas, projetos-piloto, seja numa sala de aula, escola ou universidade, em que novas metodologias sejam desenvolvidas com o propósito de praticar um novo ideal de educação.

REFERÊNCIAS

- DIAS, Francisco. Identidade, identificação e laço social. In: TEIXEIRA, Angélica (Org.). **Identificação e identidade na psicanálise**. Salvador: Campo Psicanalítico, 2017.
- ENRIQUEZ, Eugéne. **Da horda ao estado**: psicanálise do vínculo social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- FREITAG, Bárbara e ROUANET, Sérgio P. (Org.) **Habermas: sociologia**. São Paulo: Ática, 1980.
- FREUD, Sigmund. **Totem e Tabu**. Contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914). São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- HABERMAS, Jürgen. **Agir comunicativo e razão descentralizada**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002.
- HABERMAS, Jürgen. **Conhecimento e Interesse**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública**: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.
- HABERMAS, Jürgen. **Técnica e ciência como ideologia**. Belo Horizonte. Inter-livros, 1973.
- HABERMAS, Jürgen. **Teoría de la acción comunicativa**. Tomo I. Madrid: Taurus, 1987.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 1989.

INGRAN, David. **Habermas e a dialética da razão**. 2.ed. Brasília: Editora UNB, 1994.

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. 2.ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

PACHECO, J. **Escola da Ponte: formação e transformação**. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2008.

SILVA, Felipe C. **Habermas, Rorty e o pragmatismo americano**. DADOS – Revista de Ciências Sociais. Rio de Janeiro, Vol. 49, no 1, 2006, pp. 99 a 117.

ISSN: 1º Volume.
DOI: 10.5281/zenodo.7271994
<https://www.ceala.org/revista-ceps-primeira>

Recebido: 21/10/2022
Aceito: 30/10/2022
Publicado: 14/12/2022

Como citar:

NUNES, M.; NUNES FILHO, F. A oferta de serviços de educação e os vetores de crescimento de rendas altas em Salvador. **R. CEPS. Pesq. Econ. e Soc.**, v. 1, n. 1, dez./mar., 2022.

Autora correspondente:

NUNES, M. E-mail: mpfnunes@uol.com.br

A oferta de serviços de educação e os vetores de crescimento de rendas altas, em Salvador (BA)

Maiesse Pinto El Sayegh NUNES¹

Pesquisadora do CEPS,

Fernando Barreto NUNES FILHO²

Pesquisador do CEPS,

RESUMO

A expansão das grandes cidades sofre influência das diversos agentes e de fatores socioeconômicos, o que culmina por aumentar a complexidade da urbanização. Quando se trata das grandes cidades e metrópoles como Salvador, essas questões tornam-se ainda mais complexas. Ao longo do século XX, Salvador, que até então crescia em direção a Baía de Todos os Santos, vai mudando sua rota e passa a se expandir ao longo da Orla Atlântica. As cidades a beira mar, diferente de cidades não litorâneas, que têm uma expansão de 360°, podem se expandir em 180° ou 90°. Salvador se enquadra na segunda opção, pois encontra-se de um lado a Orla Atlântica e do outro a Baía de Todos os Santos, que se encontram em uma península de 90°. Como não poderia ser diferente, os serviços acompanharam a direção do crescimento da cidade. O serviço apresentado nesse artigo para mostrar essa direção são as escolas particulares de ensino fundamental ao segundo grau. Algumas escolas se mantiveram em seus bairros tradicionais, mas a grande maioria acompanhou essa nova expansão, seja com abertura de filiais ou mudanças de localização; além, é claro, das que passam a existir nessas "novas" áreas.

Palavras-chave:

Expansão Urbana.
Educação.
Escolas Particulares.
Localização.

RESUMEN

La expansión de las grandes ciudades está influenciada por diversos agentes y factores socioeconómicos, lo que culmina en el aumento de la complejidad de la urbanización. Cuando se trata de grandes ciudades y metrópolis como Salvador, estos temas se vuelven aún más complejos. A lo largo del siglo XX, Salvador, que hasta entonces crecía hacia la Bahía de Todos os Santos, cambió de rumbo y comenzó a expandirse por la Costa Atlántica. Las ciudades junto al mar, a diferencia de las ciudades no costeras, que tienen una expansión de 360°, pueden expandirse en 180° o 90°. Salvador encaja en la segunda opción, ya que está de un lado de la Cuenca del Atlántico y del otro está la Bahía de Todos los Santos, que se encuentran en una península de 90°. Como no podía ser de otra manera, los servicios siguieron la dirección del crecimiento de la ciudad. El servicio presentado en este artículo para mostrar esta dirección son las escuelas privadas desde la primaria hasta la secundaria. Algunas escuelas permanecieron en sus barrios tradicionales, pero la gran mayoría siguió esta nueva expansión, ya sea con la apertura de sucursales o cambios de ubicación; además, por supuesto, de las que lleguen a existir en estas "nuevas" áreas.

Palabras clave:

Expansión Urbana.
Educación.
Escuelas Privadas.
Localización.

ABSTRACT

The expansion of large cities is influenced by different agents and socioeconomic factors, which culminates in increasing the complexity of urbanization. When it comes to large cities and metropolises like Salvador, these issues become even more complex. Throughout the 20th century, Salvador, which until then grew towards Baía de Todos os Santos, changed its route and began to expand along the Atlantic Coast. Cities by the sea, unlike non-coastal cities, which have a 360° expansion, can expand by 180° or 90°. Salvador fits into the second option, as it is on one side of the Atlantic Coast and on the other is the Baía de Todos os Santos, which are located on a 90° peninsula. As it should be, the services followed the direction of the city's growth. The service presented in this article to show this direction is private schools from elementary to high school. Some schools remained in their traditional neighborhoods, but the vast majority followed this expansion, either with the opening of branches or changes of location; besides, of course, those that came to exist in these "new" areas.

Keywords:

Urban Expansion.
Education Private.
Schools.
Localization.

¹ Doutora em Planejamento Territorial (UCSAL). Mestre em economia (UFBA). Economista (Centro Universitário Newton Paiva).

² Doutor em Planejamento Territorial (UCSAL). Mestre em economia (UFBA). Engenheiro Eletricista (UFBA).

1 INTRODUÇÃO

As cidades são compostas por pessoas que residem em diversos tipos de moradias e utilizam uma variada gama de serviços, como os mercantis, financeiros, culturais e educacionais. Através dos estabelecimentos de ensino, gerações de seus habitantes receberam e recebem a formação básica e qualificação fundamentais para a manutenção e desenvolvimento de qualquer comunidade.

Historicamente, a procura por melhores serviços de educação tem levado as pessoas a se deslocar do campo ou de pequenas cidades para os grandes centros. Com a evolução dos serviços na área de educação, as escolas particulares ajustaram-se à nova realidade. Ao longo desse artigo, iremos mostrar um pouco dessas mudanças em escolas do ensino fundamental e médio em Salvador, destacando que essas instituições de ensino acompanham os vetores de deslocamento e de crescimento da cidade.

Maiores detentoras de oferta e procura de serviços, as metrópoles atraem uma grande quantidade de pessoas, que acabam por tornar o processo de urbanização mais complexo; isto resulta em uma maior alocação do uso do capital imobiliário. A terra urbana tem na sua localização o principal fator de valorização. Quanto maiores as cidades, mais os terrenos nas áreas valorizadas tornam-se escassos. "Todos" querem morar nos lugares mais atrativos e mais caros, por isso, estas zonas tornam-se cada vez mais raras e, conseqüentemente, mais custosas.

Os vetores de crescimento se refletem em escolhas de localizações que representam direções para as quais a cidade irá se expandir. O crescimento da cidade pode ocorrer de maneira densa, dentro de um núcleo, ou de maneira dispersa, expandindo-se em uma ou mais direções. Muitas são as variáveis que irão influenciar e interferir no vetor de crescimento ou na expansão dos grandes centros urbanos, entre elas: agentes públicos e privados, fatores naturais e distribuição de serviços, que irão influenciar a malha do tecido urbano.

Salvador, como as demais metrópoles do Brasil, passou por transformações espaciais devido ao aumento de sua população. Conforme Nunes (2019, p. 20), ocorreu um "crescimento, evidenciado pelo lançamento de condomínios residenciais de alta renda em áreas de grande extensão, Shopping centers e outros estabelecimentos comerciais".

Esse artigo pretende fazer uma breve análise da inserção das escolas nas cidades, a partir de questões como decisões de localização e vetores de crescimento, tomando como objeto Salvador, a primeira capital do Brasil, uma cidade com muitas histórias. Com base nos conceitos de localização, valorização e vetor de crescimento faz-se um paralelo entre a expansão urbana da cidade e a distribuição da rede de escolas particulares ao longo das últimas décadas; foram considerados os novos estabelecimentos, os que permaneceram em seus locais de origem e aqueles que se transferiram para novas localizações.

2 ESCOLHAS DE LOCALIZAÇÃO E VETOR DE CRESCIMENTO

As grandes metrópoles são mundialmente conhecidas como polos de atração das pessoas, pois representam novas oportunidades, seja no âmbito cultural, social, de estudo ou trabalho. Para o sociólogo da Universidade de Chicago Robert Park (1925, p. 1), a cidade é um estado de espírito, um corpo de costumes e tradições, ou seja, a cidade não é só uma construção artificial, é um produto da natureza humana. Essa composição de pessoas influencia em sua forma de agrupamento. Para esse autor, ainda, as cidades devem ser vistas de forma física, social, cultural e não somente econômica.

Um conceito interessante da cidade que agrega sua complexidade e a sua dinâmica foi definido por Pierre George (1965), em seu artigo *Geographie et urbanisme*:

[...] uma cidade não tem um sítio na sua fundação, mas um conjunto de sítios associados, sobrepostos, complementares e antagônicos de cada vez, tanto que o local atual é muitas vezes uma soma de sucessivos locais históricos projetados e operados em menor escala. (GEORGE, 1965, p. 648)

As cidades estão inseridas em um espaço composto por dois elementos que estão sempre interagindo:

- a) a configuração territorial, isto é, o conjunto de dados naturais, mais ou menos modificados pela ação consciente do homem;
- b) a dinâmica social ou o conjunto de relações que definem uma sociedade em um dado momento. A configuração territorial ou espacial é dada pelo arranjo sobre o território dos elementos naturais ou artificiais de uso social. A cada momento histórico, varia o arranjo desses objetos. (SANTOS, 1988, p. 111)

O crescimento das cidades e sua conseqüente transformação em metrópoles, para o sociólogo espanhol Manuel Castells (1983), perpassam, por problemas em torno de alguns dados considerados fundamentais:

- 1 A aceleração do ritmo da urbanização no contexto mundial;
- [...]. 3 O aparecimento de novas formas urbanas (grandes metrópoles); 4 A relação do fenômeno urbano com novas formas de articulação social provenientes do modo de produção capitalista e que tendem a ultrapassá-lo. (CASTELLS, 1983, p. 46).

Conforme Castells observa, esse ritmo de urbanização cada vez mais acelerado exerce influência global, impactando fortemente as grandes metrópoles.

Ao pesquisar sobre a urbanização das cidades brasileiras, Paul Singer explicou que elas se caracterizariam pela importância de um centro principal, sendo um aspecto que poderia ser observado em cidades pequenas e grandes, indistintamente. E que, nesse centro principal estão localizados a administração pública, a igreja matriz, entre outros:

[...] os tribunais, o distrito financeiro, o comércio atacadista, o comércio varejista de luxo, cinemas, teatros etc. [...] Na medida em que a cidade vai crescendo, centros secundários de serviços vão surgindo em bairros, que formam novos focos de valorização do espaço urbano. (SINGER, 1980, p. 84).

Note-se que Paul Singer escreveu na década de 1980, quando o comércio varejista de luxo e os grandes cinemas ainda se localizavam nas ruas. Hoje, esses estabelecimentos, em sua maioria, estão localizados em Shopping Centers.

Portanto, o espaço urbano assumiria uma complexidade ao tornar-se um lugar onde se observam os bens de consumo, concretos, e os bens culturais, abstratos, e com significados e valores em função de sua localização. (SANTOS, 1996, p. 107)

2.1 ESCOLHAS DE LOCALIZAÇÕES

Ao longo do tempo, os espaços e arranjos territoriais irão se modificando e novas configurações territoriais e sociais irão compondo as cidades. Essas novas localizações terão influência na vida das pessoas nos espaços urbanos, isto é, nos seus deslocamentos. Fazendo um elo com o conceito de localização urbana em Villaça (2001, p. 23), que destaca que “[...] as relações não podem existir sem um tipo particular de contato, que envolve deslocamentos de produtores e consumidores entre os locais de moradia, produção e consumo”.

Ao refletir sobre a valorização, Villaça (2012, p. 32) explica que “Seu principal valor de uso, a localização, parece derivar de trabalho feito fora dela, fora de um determinado terreno ou lote”. Nesse ponto esse autor articulou um interessante contraponto entre a valorização e a localização; em seguida, interligou o preço da terra à localização “[...] cujo peso relativo variará de localização para localização, dentro de uma mesma cidade”. (VILLAÇA, 2012, p. 39)

A interligação entre localização e valorização imobiliária também foi objeto da análise de Oliveira (2013, p. 85): as localizações “seguem se modificando, bem como as condições que cada imóvel assume ao longo do tempo: Essa demanda não seria pelo solo por si, [...] possui valor, preço e padrões expressos na sua localização. Fica evidenciado, portanto, a existência de movimento do valor na cidade.

Para Pedrão (2002, p. 76), é necessário [...] levar em conta a localização dos imóveis, o que indica de quais modos a valorização patrimonial de cada um deles corresponde à dos demais, reconhecendo-se que, em cada cidade, os preços dos imóveis refletem preferências por localização.

Nesse ponto, é interessante destacar que o processo de valorização não decorre apenas do devido a uma ação isolada do setor privado. Antecedendo a implantação de um empreendimento ou garantindo a sua consolidação, o setor público desempenha um importante papel, ao assumir o investimento em infraestrutura:

Os sistemas de infraestrutura se renovam, segundo progressões específicas de demanda, com requisitos de capacidade instalada de produção, próprios de cada cidade. O traçado dos sistemas é um elemento de custo, [...] e tem de ser confrontado, adiante, com a disposição espacial dos assentamentos urbanos. [...] resultando numa pressão por usos do solo existente e do solo criado, que é um componente da formação de uma renda imobiliária. (PEDRÃO, 2002, p. 67)

Villaça descreveu a localização em áreas mais centrais, isto é, o centro tradicional, como um local de acessibilidade para todas as classes sociais. Por outro lado, as metrópoles brasileiras não comportariam a existência de um único centro, seja por dificuldades de acesso, seja pela distância. Com isso, essas cidades passaram a ser compostas por vários centros.

Conforme Villaça (2001, p. 72), o impulso que leva à produção de shopping centers, hipermercados e cidades novas é a tentativa do capital de produzir e transformar as localizações em mercadorias. De que forma se poderia obter essa

transformação como elemento dinâmico do funcionamento do mercado imobiliário. Para esse autor, o operador seria a localização.

No espaço urbano, conforme visto, uma localização mais favorável no interior do tecido urbano possibilita um maior acesso às trocas de bens e serviços e outras interações com o restante da cidade; ou, pelo menos, com a parte cujo funcionamento interessa aos moradores de renda mais alta.

Os deslocamentos do mercado imobiliário fazem com que o movimento de mudança das camadas de alta renda para outras regiões se torne mais atrativo. Ou seja, é o mecanismo de funcionamento do mercado imobiliário, conforme explica Paul Singer (1980, p. 82), que estabelece que “[...] a ocupação dessas áreas seja privilégio das camadas de renda mais elevada, capazes de pagar um preço alto pelo direito de morar”.

Por esse motivo, a classe de renda alta possui residências em bairros privilegiados, locais com temperatura mais amena, arborizados e longe de fábricas. Estas residências, ao mesmo tempo, estão próximas de produtos e serviços para atender às suas necessidades.

3 O VETOR DE CRESCIMENTO DE RENDAS MAIS ALTAS EM SALVADOR

Salvador, a primeira capital do país, completou 473 anos no dia 29 de março de 2022, e passou por diversas transformações espaciais ao longo de todos esses anos, especialmente nos séculos XX e XXI. Essas transformações, conforme Pedrão (2017, p. 40) foram [...] iniciadas em 1967, com a reforma urbana de Salvador que prosseguiu até a década de 1990. Em seguida ocorreu o aprofundamento de tendências que marcaram a urbanização conduzida pelo capital imobiliário.

Inicialmente, introduzindo uma caracterização dos vetores de crescimento de Salvador, destaca-se uma classificação de Villaça (2001, p. 130-132): “uma metrópole litorânea pode ser reunida em dois grupos: as que têm um território para expansão de cerca de 180° ou 90° e aquelas que dispõem de 90°”.

Para essa classificação, devido à sua localização, Salvador possui um território de expansão de 90°. O Farol da Barra, que se encontra na ponta da península, é o marco que delimita a orla oceânica e a orla da Baía de Todos os Santos. A partir do bairro da Barra, a orla oceânica segue na direção leste até o bairro de Amaralina, quando começa a se inclinar para o nordeste. Com orientação diversa, a orla da Baía de Todos os Santos segue a direção nordeste a partir da Barra em direção ao Centro Histórico e ao Subúrbio Ferroviário.

Em seguida, de forma resumida, são listados alguns aspectos dos movimentos mais recentes da urbanização de Salvador: a) o movimento inicial de ocupação; b) o novo centro Pituba-Iguatemi-Rodoviária; c) a urbanização conduzida pelo capital imobiliário, a partir dos anos 90.

a) Ocupação do Corredor da Vitória, Barra e Graça

O primeiro vetor de crescimento de Salvador desenvolveu-se às margens da Baía de Todos os Santos, que foi utilizada para moradia para a classe média, com seus casarões localizados

na Ribeira, no Bonfim e Boa na Viagem; inclusive, era comum que casas na Ribeira fossem destinadas para veraneio. Atualmente, em sua maior extensão, essa área é ocupada por uma classe média tradicional, e por classes com menores rendas.

No início do século XX, conforme Vasconcelos (2016, p. 350), “os transportes revolucionaram a acessibilidade à área, seja entre a Cidade Baixa e Alta, seja através de bondes elétricos.” Com a consolidação do automóvel na segunda metade do século XX as classes de rendas mais altas deslocaram-se no sentido Avenida 7 de Setembro - Corredor da Vitória, na direção da orla Atlântica, ocupando os bairros do Corredor da Vitória, Graça e Barra, e preservando um “certo charme histórico” do Campo Grande, Canela e Garcia. Nesse período, a cidade conservou uma estrutura mononuclear, com seu centro formado pela “Cidade Baixa e Cidade Alta”.

b) o crescimento das classes médias

Na década de 1970, foi implantado um moderno sistema viário, com novos acessos aos vales. Surgiram as avenidas Antônio Carlos Magalhães, Vale do Bonocô, Garibaldi, Luis Viana Filho, Juracy Magalhães, Magalhães Neto e Reitor Miguel Calmon (Vale do Canela); como parte dessa expansão, a implantação do Centro Administrativo da Bahia (CAB).

Contudo, com a implantação das avenidas anteriormente citadas, juntamente com outros fatores, conforme Ângela Gordilho Souza (2008, p. 114), viabilizou o estabelecimento do novo centro urbano, “com a construção da nova Rodoviária e do Shopping Center Iguatemi, no entroncamento da Av. Paralela com o Acesso Norte.” Os novos empreendimentos residenciais foram direcionados para as classes de rendas médias e altas.

Esse novo centro urbano, conforme analisado por Sampaio (2015, p. 241) juntamente com [...] “uma legislação urbanística flexibilizada horizontal e vertical, implodiu a velha forma urbana de característica mononuclear herdada do século XIX”.

O trabalho a “Política Habitacional para Salvador”, de 1985, coordenado por Fernando Pedrão, analisou o crescimento demográfico de Salvador entre os anos 70/80, período de forte expansão urbana, concluindo que: houve uma migração de parte da classe média e alta, que residia em bairros tradicionais como Nazaré, Bonfim, Ribeira, Campo Grande e Federação, para novos espaços planejados na Orla Atlântica, como Pituba e STIEP.

c) a urbanização conduzida pelo capital imobiliário

A partir de 1990 o capital imobiliário transformou a Avenida Paralela em um eixo paralelo (literalmente) ao vetor de crescimento Norte. A partir do ano 2000, como parte desse movimento, foram construídos muitos empreendimentos direcionados para rendas médias e altas, tais como os condomínios Alphaville e Le Park, na Avenida Paralela, e o GrenVile, na Avenida Pinto de Aguiar.

O papel do poder público nessa expansão foi fundamental: a ampliação da Avenida Paralela - cinco faixas de trânsito em cada sentido, e uma das linhas do metrô em seu canteiro central. A partir de 2010, esse papel foi ampliado com as obras de mobilidade urbana que englobaram vários viadutos

na avenida Paralela e em suas avenidas transversais; como parte desse complexo viário, foram incorporados dois corredores transversais de 12 km e 13 km cada, integrando a Orla Oceânica, a Avenida Paralela, a Rodoviária e a BR-324, e proporcionando uma ligação entre os bairros do Subúrbio, com o ‘Miolo’ e a Orla Oceânica. Em complemento, os condomínios implantados ao longo da Avenida Paralela e das Avenidas transversais no sentido Orla representam o terceiro metro quadrado mais caro de Salvador

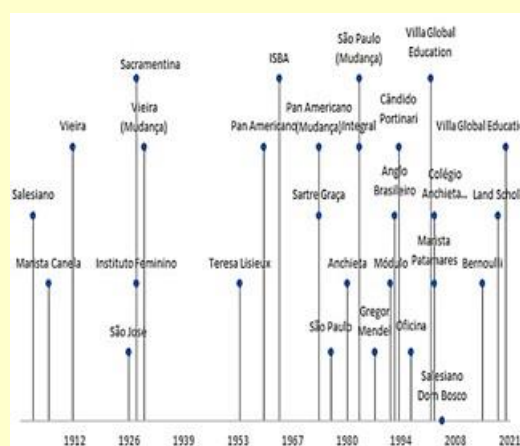
Independente dos novos espaços incorporados, a valorização imobiliária consolidou o Corredor da Vitória como um dos metros quadrados mais caros da cidade. Da mesma forma, os bairros da região da Pituba- Itaipara - Iguatemi permaneceram como referência para a demanda por moradia para os novos contingentes de rendas médias. Dentro do tecido urbano, alguns enclaves não contíguos mantiveram-se valorizados. É o caso do Horto Florestal uma ocupação aparentemente contrária ao vetor de crescimento Norte, que foi lançado na década de 1970. Com uma marca urbana de uma localização alta e arborizada, na parte mais alta desse espaço urbano, atualmente, as casas estão sendo substituídas por arranha-céus de altíssimo padrão.

4 OFERTA DE SERVIÇOS DE EDUCAÇÃO PARA RENDAS MAIS ALTAS

Nesse item, será feito um elo entre a Salvador do século XX, principalmente o seu vetor de crescimento das rendas mais altas, e as escolhas de localizações realizadas pelas escolas particulares. Durante muitos séculos, o crescimento da cidade se manteve às margens da Bahia de Todos os Santos, e sua expansão se produzia somente em áreas adjacentes aos bairros centrais.

A Figura 1, a seguir, ilustra as datas do início de atividade das instituições de ensino, juntamente com o registro das mudanças de endereço ou da abertura de uma filial; e, caso tenha havido, o ano de encerramento das atividades

Figura 1 – Ano de criação das Escolas.



Fonte: Elaboração dos autores.

As escolhas de localizações por parte das escolas particulares serão investigadas em três momentos: na primeira metade do século XX, em torno dos bairros centrais; em seguida, no sentido do vetor de crescimento das rendas altas, em um

momento de expansão da classe média; finalmente, como elas se localizaram sob a liderança do capital imobiliário.

4.1 PREDOMINÂNCIA DE ESCOLAS CATÓLICAS

As transformações urbanas na primeira metade do sec. XX, em Salvador, ainda ocorreram com a forte presença política da Igreja Católica. Em conformidade com essa presença na sociedade, as escolas direcionadas para as parcelas da população com rendas mais altas, eram predominantemente católicas, e englobavam atividades de educação, evangelização e assistência social. Nesse sentido, na primeira metade do século XX, muitas escolas católicas se estabeleceram em bairros como o Bonfim, na Cidade Baixa, e nos bairros mais centrais da Cidade Alta.

Naquele momento, duas instituições poderiam ser consideradas como pontos fora do movimento. A primeira, o colégio São José (1926), que se mantém por 94 anos como uma escola tradicional, em um bairro que conserva uma valorização dos primeiros anos do século XX. A segunda instituição, a Escola Pan-Americana da Bahia (1960), uma escola internacional americana, direcionada de forma exclusiva para os descendentes de norte-americanos; na década de 1970, transfere-se para o bairro de Patamares, uma área que naquele período ainda não correspondia a um vetor de expansão de Salvador.

Nesse período em análise, muitas das escolas haviam iniciado suas atividades em bairros mais centrais, tais como Largo 2 de Julho, Dique do Tororó e Centro Histórico, transferiram-se para o bairro do Garcia, no qual poderiam dispor de amplas áreas. O Colégio Antônio Vieira, por exemplo, foi implantado no bairro do Garcia, em uma área de mais de 10.000 m².

Quadro 1 – Ocupação dos bairros centrais - localizações das escolas

| ESTABELECIMENTO DE ENSINO | DE | ANO | BAIRRO | ORDEM RELIGIOSA |
|-------------------------------|----|------|---------------|---|
| Nossa Senhora das Mercês | | 1897 | Mercês | Companhia de Santa Úrsula - Ursulinas |
| Colégio Salesiano do Salvador | do | 1900 | Nazaré | Salesiano Dom Bosco |
| Maristas | | 1906 | Canela | Marista princípios de São Marcelino Champagnat. |
| Antônio Vieira | | 1912 | Garcia (1930) | Companhia de Jesus (Jesuítas) |
| São José | | 1926 | Bonfim | Cong. Irmãs Franciscanas |
| Colégio 2 de Julho | | 1926 | Garcia | Igreja Presbiteriana (EUA) |
| Instituto Feminino | | 1955 | Politeama | Ordem dos Carmelitas |
| Sacramentinas | | 1928 | Garcia | Religiosas do S. S. Sacramento |
| Escola Pan-Americana | | 1960 | C. Grande | Rede de escolas americanas |
| Instituto Social da Bahia | | 1952 | Ondina | Congregação Filhas do Coração de Maria |
| São Bento | | 1905 | Centro | Monges Beneditinos da Ordem de São Bento |

Fonte: Elaboração dos autores

Nesse conjunto de escolas católicas tradicionais foram registradas algumas transformações de localizações. O Colégio São José, o Colégio Sacramentinas, Colégio Nossa Senhora das Mercês e o Colégio São Bento, mantiveram-se em sua localização inicial. O colégio Maristas (2002), encerrou suas atividades no Bairro do Canela e reinaugurou sua nova sede em uma área de expansão da Orla Atlântica. Com uma estratégia similar, o Salesiano se expandiu, e abriu uma filial seguindo o vetor de crescimento da cidade. Contudo, algumas

dessas instituições encerraram definitivamente suas atividades: o ISBA (2020) e o Instituto Feminino (1985).

As demais escolas relacionadas na Figura 1 iniciaram suas atividades a partir da segunda metade do século XX e serão analisadas no item a seguir.

4.2 ACOMPANHANDO O CRESCIMENTO DA CLASSE MÉDIA

Nos anos 1960, o bairro da Pituba recebia seus primeiros moradores, notadamente representantes da classe média. A ocupação dessa área tomou por base a Avenida Paulo VI, que naquela época ainda não contava com pavimentação. Essa avenida, que se caracterizava por edificações de muro baixo e eminentemente residenciais, recebeu as instalações do Colégio Militar, que ainda hoje ocupa uma vasta área do bairro. A expansão da cidade em direção à Orla Atlântica acentuou-se a partir da década de 1970, e os serviços educacionais, naturalmente, acompanharam os residentes dos novos espaços ocupados.

Em abril de 1954, foi fundada a Escolinha do Parque, no Parque Cruz Aguiar, no Rio Vermelho. Devido à alta demanda, essa escolinha foi ampliada e reinaugurada em 1976 no bairro da Pituba, agora com a denominação de Escola Tereza de Lisieux. Nessa escola estudaram muitos dos filhos dos novos residentes desse bairro, ainda em processo de ocupação; em 2001, encerrou suas atividades. O Quadro 2 apresenta as escolas que iniciaram suas atividades a partir da década de 1970, e estão localizadas na área de expansão ao longo da Orla Atlântica.

Quadro 2 – Expansão da classe média - localização das escolas.

| ESTABELECIMENTO | ANO | BAIRRO | OBSERVAÇÃO |
|-------------------|------|---------------------|-------------------------------|
| Tereza de Lisieux | 1976 | Av. ACM | Fundada em 1954. Rio Vermelho |
| Anchieta | 1981 | Amaralina | Pituba em 2003 |
| São Paulo | 1984 | Itaigara | Canela 1977 |
| Integral | 1984 | Pituba | |
| Gregor Mendel | 1988 | Pituba | |
| Módulo | 1992 | Av. Magalhães Neto | |
| Candido Portinari | 1994 | Costa Azul | |
| Oficina | 1994 | Caminho das Árvores | |

Fonte: Elaboração dos autores.

Na década 1980, novas escolas foram surgindo para também atender o crescente número de pessoas que passavam a residir na capital baiana. Um dos casos emblemáticos foi o Colégio Anchieta, inaugurado no bairro de Amaralina, onde funcionou no período de 1981 a 2002; a partir de 2003, aproximando-se do seu público-alvo iniciou suas atividades em sua nova sede, no bairro da Pituba.

O Colégio São Paulo, que iniciou suas atividades no bairro do Canela, em 1977, transferiu-se para a nova região no bairro do Itaigara (1984). Em 2010, esse colégio foi adquirido pelo colégio Anchieta, mas permaneceu com o mesmo nome. O Colégio Módulo, foi adquirido pelo grupo Bernoulli em 2015, continuando com seu nome original. Apenas a unidade da Praça Marconi, na Pituba, para alunos do 3º ano e nível médio, é denominada Bernoulli. Em 1994 foi fundado o colégio Candido Portinari, no bairro do STIEP, que permaneceu no mesmo local. Da mesma forma, o Colégio Oficina permanece no seu local de origem, no bairro Caminho das Árvores.

4.3 SOB O COMANDO DO CAPITAL IMOBILIÁRIO

Na década 1990, o movimento de expansão imobiliária continuou seguindo a Orla Atlântica em direção à Itapoã, com as incorporadoras lançando condomínios que ocuparam espaços amplos. O bairro de Patamares, por exemplo, recebeu vários desses lançamentos. Naquele período, as escolas continuaram acompanhando a tendência da expansão de Salvador rumo ao Norte, distanciando-se ainda mais dos bairros centrais. Contudo algumas se mantiveram na Pituba, no Caminho das Árvores, e no STIEP, e regiões adjacentes, bairros que se mantiveram valorizados, e que proporcionavam uma demanda pelos serviços de ensino.

No movimento na direção Norte, alguns colégios já estavam instalados na área de expansão, como a Escola Pan Americana; o interessante caso do Anglo Brasileiro, inaugurado em 1993, que em 2003, passou a ser a sede do Marista, aproveitando uma área de 30 000 m², na qual funcionava a antiga chácara dos Maristas.

No período de 2002 a 2012, a especulação imobiliária se distanciou um pouco da Orla Atlântica e ocupou as margens da Avenida Paralela, e das avenidas transversais, no sentido Centro-Aeroporto. Esses lançamentos, com edifícios residenciais dentro de amplos condomínios fechados, permanecem valorizados até o momento.

Acompanhando o vetor de crescimento da cidade, para atender esse público de moradores, novos colégios foram inaugurados. Em janeiro de 2005, o colégio Salesiano inaugurou mais uma unidade, o Salesiano Dom Bosco, na Avenida Paralela. Nessa mesma área, o Colégio Villa havia iniciado suas atividades em 2002, no espaço da Faculdade Jorge Amado; em 2015, essa instituição ampliou suas instalações, e transferiu-se para um terreno na mesma avenida, com o nome de Villa Global Education, atendendo alunos da educação infantil, fundamental e nível médio.

Quadro 3 - Vetor Avenida Paralela - localização das escolas.

| ESTABELECIMENTO | ANO | BAIRRO | OBSERVAÇÃO |
|------------------|------|--------------|-------------------------------|
| Pan-Americana | 1974 | Patamares | |
| Anglo Brasileiro | 1993 | Patamares | |
| Marista | 2003 | Patamares | Área de 30 000 m ² |
| Salesiano | 2005 | Av. Paralela | Ampla área verde. |
| Villa | 2002 | Av. Paralela | |

Fonte: Elaboração dos autores

4.4 A INTERNACIONALIZAÇÃO NAS ESCOLAS FUNDAMENTAIS

As escolas apresentadas anteriormente, em sua maioria, atendiam aos níveis de ensino fundamental II e médio. Durante o período indicado nesse trabalho, elas ampliaram suas atividades para atender ao público infantil. A partir dos anos 2000, em consonância com a mudança no estilo de vida das pessoas, verificou-se um aumento significativo no número de escolas infantis, que passaram a existir em todos os bairros da cidade, atendendo a todas as classes sociais. Destaque-se que a internacionalização do currículo, antes restrita as escolas Pan-Americana e Anglo Brasileiro, passou a ser uma oferta para “todos”, e em todas as idades.

Atualmente, existem mais de 2000 escolas infantis particulares espalhadas por Salvador. Nesse texto, de acordo

com o foco da pesquisa, serão citadas apenas algumas, isto é, aquelas que acompanham o vetor de crescimento das rendas mais altas. A partir desse ponto, serão consideradas as escolas que atendem principalmente ao Fundamental I, apesar de algumas terem se expandido ao Fundamental II, e até ensino médio.

A Escola Gurilândia surgiu no bairro da Federação em 1960, onde se encontra sediada até a atualidade. Contudo, acompanhando o vetor de crescimento da cidade, em 2021 fez parceria com a Land Shcoll, e com uma nova denominação - Gurilândia International School- inaugurou uma filial no bairro da Pituba. Direcionadas para o ensino infantil, o Villa Global Education foi instalado na Avenida Paralela, e a Maple Bear Salvador, escola canadense, na Avenida Magalhães Neto, na Pituba.

Acompanhando a expansão da cidade no final dos anos 1960, inaugurou-se a escola infantil Recanto das Fadas. Nos anos 1970, a escola Girassol iniciou suas atividades em uma pequena casa, mas expandiu-se e se tornou uma grande escola, no mesmo local onde ocupava originalmente, que oferece turmas no currículo padrão e bilíngue. O Colégio Anchieta, já citado, separou o nível de ensino fundamental I em 1994, inaugurando a unidade denominada Anchieta no bairro da Pituba. Em 2006, abriu mais uma unidade no Loteamento Aquarius. A quarta unidade do colégio Anchieta foi concluída no final de 2017, o Anchieta - Bela Vista (Fluency & Tech). No quadro a seguir encontram-se as escolas que foram selecionadas, bem como seu ano de criação.

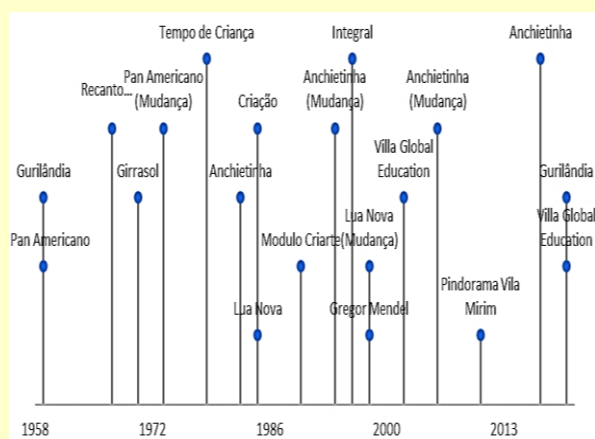
Quadro 4 - Localização das escolas fundamentais

| ESCOLA | ANO | BAIRRO | OBSERVAÇÃO |
|---------------------------------|------|------------------|-----------------------------------|
| Gurilândia | 1960 | Federação | Educação Internacional Bilingue e |
| Recanto das Fadas | 1968 | Pituba | |
| Girassol | 1971 | Itaigara | Currículo padrão e bilíngue e |
| Tempo de Criança | 1979 | Itaigara | |
| Criação | 1985 | Pituba | |
| Modulo Criarte | 1990 | Cam. das Árvores | |
| Anchieta | 1994 | Pituba | Fluency & Tech |
| Lua Nova | 1998 | Itaigara | Rio Vermelho (1985) |
| Gregor Mendel infantil | 1998 | Itaigara | |
| Villa Global Education | 2002 | Av. Paralela | |
| Anchieta | 2006 | Lot. Aquarius. | Fluency & Tech |
| Pindorama Vila Mirim | 2011 | Cam. das Árvores | |
| Maple Bear | 2012 | Av. Mag Neto | Escola Canadense |
| Anchieta | 2017 | Bela Vista | Fluency & Tech |
| Gurilândia International School | 2022 | Pituba | Educação Internacional Bilingue e |

Fonte: Elaboração dos autores

Em 1985, foi inaugurada a Escola Criação, na Pituba. No mesmo ano a escola Lua Nova, é fundada no bairro do Rio Vermelho, mudou-se para o Itaigara em 1998. Na década de 1990, surgiram o Modulo Criarte, em 1990, no Caminho das Árvores, e o Gregor Mendel infantil, no Itaigara, em 1998. A Figura 3 apresenta as escolas com o ano de inauguração original e datas das mudanças ocorridas ao longo das décadas.

Figura 2 - Criação de Escolas fundamentais.



Fonte: Elaboração dos autores

No que se refere às mensalidades das escolas infantis localizadas nos bairros com contingentes de rendas médias e altas, verifica-se uma referência média em torno de R\$ 2.000,00, para o curriculum normal, e de cerca de R\$ 3.000,00 para turmas bilingues. Para fins de comparação, nas escolinhas particulares localizadas nas áreas com contingentes de rendas mais baixas, as mensalidades estão na referência de R\$ 250,00.

Portanto a localização constitui-se em fator predominante para a garantia das receitas das escolas, e proporciona o retorno para o investimento realizado. O crescimento da cidade continua, a oferta de ensino direciona-se para as áreas mais valorizadas, e a especulação imobiliária permanece em sua busca por novos pontos de valorização,

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A expansão dos empreendimentos para rendas médias e altas, em Salvador, conforme visto por meio de vários autores, foi direcionada para o Corredor da Vitória, no século XIX, uma ocupação que se mantém até hoje como um dos metros quadrados mais caros da cidade. Nas décadas de 1970 e 1980, a implantação do Polo Petroquímico de Camaçari produziu o crescimento das rendas médias o que possibilitou uma ocupação que seguiu o vetor de crescimento Norte (Orla Atlântica). Nesse movimento, foram lançados e ampliados os bairros da Pituba, Itaipara, Caminho das Arvores e Loteamento Aquários. Ao longo de século XX, a cidade continua expandindo em direção a Itapôa, com um novo modelo de moradia, os condomínios fechados.

A trajetória de expansão urbana da cidade foi acompanhada de infraestrutura, produtos e serviços, sendo a educação um serviço essencial, para todos do fundamental ao nível superior. As escolas particulares, objeto do artigo, foram fundadas e se expandem em conformidade com os vetores de crescimento apresentados.

A tendência de acentuação da globalização no século XXI fez com que muitas das escolas tradicionais da cidade, anteriormente citadas, passassem a oferecer o sistema bilíngue. Essa tendência tornou-se uma exigência mínima de qualidade, de forma que as novas escolas já iniciavam suas

atividades adotando este formato; em alguns casos, o de escola internacional.

REFERÊNCIAS

- CASTELLS, Manuel. **A questão urbana**. Trad. Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983 (2000). 590 p. (Pensamento Crítico, v. 48).
- GEORGE, Pierre. Geographie et urbanisme. In: **Annales de Géographie**, n. 406, LXXIV année – Novembre–Décembre 1965. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/geo_0003-4010_1965_num_74_406_18397. Acesso em: 10 set. 2018.
- GORDILHO-SOUZA, Ângela. **Limites do habitar**: segregação e exclusão na configuração urbana de Salvador e perspectivas no final do século XX. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2008. 496 p.
- NUNES, Maíesse Pinto El Sayegh **Nunes. produção do espaço urbano pelo capital imobiliário**: o caso do Horto Bela Vista Salvador-BA. Tese (doutorado) Universidade Católica do Salvador. Doutorado em Planejamento Social e Desenvolvimento Social. Salvador, 2019. 260 f.
- OLIVEIRA, Margarete Rodrigues Neves. **A produção de escassez do espaço urbano**: um estudo sobre o boom imobiliário, uso de transcons e apropriação de mais-valia fundiária urbana em Salvador-BA (1968-2008) / Tese (doutorado) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013. 275 f. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/18174/1/TESE%20MARGARETE.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2018.
- PARK, R. E.; BURGESS, E. W.; MCKENZIE, R. O. (Ed.). **The city (1925)**. Chicago, Univ. of Chicago Press, 1967. 240 p. Disponível em: http://shora.tabriz.ir/uploads/83/cms/user/File/657/E_Book/Urban%20Studies/park%20burgess%20the%20city.pdf. Acesso em: 20 maio 2018.
- PEDRÃO, Fernando. O planejamento metropolitano necessário à Bahia. **Conjuntura & Planejamento**, Salvador, n. 192, p. 39-55, jan./jun. 2017. Disponível em: https://publicacoes.sei.ba.gov.br/index.php/conjunturaeplanejamento/article/view/37775?secao=Artigos&titulo=O%20planejamento%20metropolitano%20necess%C3%A1rio%20C3%A0%20Bahia&numero=192&id=6&revista=jan./jun.2017&ilustracao=https://publicacoes.sei.ba.gov.br/public/journals/3/article_37_cover_pt_BR.jpg&autor=Fernando%20Pedr%C3%A3o. Acesso em: 20 maio 2021.
- PEDRÃO, Fernando. **A economia urbana**. Ilhéus: Editus, 2002. 288 p.
- PEDRÃO, Fernando. **Uma Política habitacional para Salvador**. Prefeitura Municipal de Salvador. 1985. p. 285-292.
- SAMPAIO, Antonio Heliodoro Lima. **Formas urbanas**: cidade real & cidade ideal. Contribuição ao estudo urbanístico de Salvador: Salvador: Quarteto; PPGAU-FAUFBA, 2015. 512 p.
- SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988. 123 p.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996. 308 p.
- SINGER, Paul. **Economia política da urbanização**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1980. 152 p.
- VASCONCELOS, Pedro de Almeida. **Salvador**: transformações e permanências (1549-1999). 2. ed. rev. ampl. Salvador: EDUFBA, 2016. 569 p.
- VILLAÇA, Flávio. **Reflexões sobre as cidades brasileiras**. São Paulo: Studio Nobel, 2012. 296 p.
- VILLAÇA, Flávio. **Espaço Intra urbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel, 2001. 373 p.

ISSN: 1º Volume.
DOI: 10.5281/zenodo.7271994
<https://www.ceala.org/revista-ceps-primeira>

Recebido: 21/10/2022.
Aceito: 30/10/2022.
Publicado: 14/12/2022.

Como citar:
GÓMEZ, J. Ensinar ou aprender fora dos circuitos escolares. *R. CEPS. Pesq. Econ. e Soc.* v. 1, n. 1, dez./mar., 2022.

Autor correspondente:
GÓMEZ, J. E-mail: tinocoje@yahoo.com.br

Ensinar ou aprender fora dos circuitos escolares: uma experiência no Bairro da Paz, em Salvador (BA)

Jesús Enrique Tinoco GÓMEZ¹
Pesquisador do CEPS.

RESUMO

Mostra através da análise de uma experiência concreta no Bairro da Paz, Salvador, Bahia, como a identificação clara dos atores do processo de aprendizagem facilita o de geração de conhecimento de forma colaborativa, participativa e conjunta; metodologicamente, trata-se de uma pesquisa ação, um tipo de pesquisa social baseada em evidências, concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo, na qual os pesquisadores e participantes representantes da situação ou problema estão engajados de forma cooperativa ou participativa; sendo que os resultados mostram benéficos tanto para o sujeito/objeto da aprendizagem quanto para a instituição de apoio.

Palavras-chave:

Educação.
Participação.
Empreendedorismo Social.

RESUMEN

Muestra, a través del análisis de una experiencia concreta en Bairro da Paz, Salvador, Bahía, cómo la identificación clara de los actores en el proceso de aprendizaje facilita la generación de conocimiento de forma colaborativa, participativa y conjunta; metodológicamente, es una investigación acción, un tipo de investigación social basada en evidencias, concebida y realizada en estrecha asociación con una acción o con la resolución de un problema colectivo, en la que se involucran los investigadores y los participantes que representan la situación o problema, de manera cooperativa o participativa; y los resultados se muestran beneficiosos tanto para el sujeto/objeto de aprendizaje como para la institución de apoyo.

Palabras clave:

Educación.
Participación.
Emprendimiento Social.

ABSTRACT

Shows through the analysis of a concrete experience in Bairro da Paz, Salvador, Bahia, how the clear identification of the actors of the learning process facilitates the generation of knowledge in a collaborative, participatory and joint way; methodologically, it is an action research, a type of evidence-based social research, conceived and carried out in close association with an action or with the resolution of a collective problem, in which researchers and participants representing the situation or problem are engaged in a cooperative or participatory way; and the results show beneficial for both the subject/object of learning and the support institution.

Keywords:

Education.
Participation.
Social Entrepreneurship.

¹ Peruano radicado em Salvador, Bahia. Engenheiro Agrônomo (Universidade Nacional Agrária "La Molina", Lima). Associado do CONAP, com experiência profissional em ações de desenvolvimento sustentável, planejamento participativo, avaliação de projetos, ações de compensação socioambiental e empreendedorismo com organizações da população urbana e rural; por meio de órgãos públicos e privados, entre outros: Sistema Nacional de Apoio à Mobilização Social (SINAMOS), Instituto Nacional de Planejamento (INP), Centro de Estudos de Desenvolvimento e Participação (CEDEP) e Centro de Informação e Desenvolvimento Internacional da Autogestão (CIDIAG), no Peru, Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), Secretaria de Planejamento da Bahia (SEPLAN, Governo do Estado), Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), Programa do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) e o Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura (IICA), no Brasil. (Texto informado pelo autor).

1 APRESENTAÇÃO

Esse dilema, ensino ou aprendizagem, vem sendo superado há muito tempo na educação formal, como pode ser visto na produção acadêmica, dentre as quais o registro de Iolanda Bueno de Camargo Cortelazzo na sua tese de doutorado de 2000, intitulada "Colaboração, trabalho em equipe e tecnologias de comunicação: relações de proximidade em cursos de pós-graduação". Nessa dissertação, a autora dedica o primeiro capítulo ao tema: Ensino e aprendizagem -as duas faces da educação.

Educação escolar e colaboração são ações intrinsecamente ligadas. O ensino e a aprendizagem são o verso e o reverso da mesma medalha - educação - e envolvem ações colaborativas, participativas e conjuntas. É essencial perceber essa relação para a compreensão dessa tese (CORTELAZZO, 2000, p. 6).

Embora essa formulação tenha sido trabalhada para cursos de pós-graduação, em princípio, também deve ser válida para o trabalho educacional fora do circuito escolar, no processo de produção de conhecimento em outros espaços de construção coletiva, como organizações sociais, econômicas, culturais, políticas, entre outros.

No entanto, na prática cotidiana nem sempre funciona assim; pelo contrário, a tendência é que o ator com ensino superior, que pode ser chamado de conselheiro, consultor, gerente técnico, ou de outras figuras, geralmente "ensina". Essa é uma tendência que pode gerar processos considerados simpáticos, fluidos, agradáveis, mas que têm resultados ineficientes, se não nulos e até negativos, a fim de produzir o conhecimento desejado.

Esse artigo tem como objetivo mostrar que uma identificação clara dos atores do processo de aprendizagem facilita o processo de geração de conhecimento de forma colaborativa, participativa e conjunta, identificando e descrevendo os processos que vários atores sociais e institucionais têm colocado em prática.

Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa ação, um tipo de pesquisa social baseada em evidências, concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo, na qual os pesquisadores e participantes representantes da situação ou problema estão engajados de forma cooperativa ou participativa; nesse caso, a referência é uma experiência concreta no Bairro da Paz, Salvador (BA), com sua população representada por meio de suas organizações.

2 O CONTEXTO

O Bairro da Paz inaugurou sua presença na cidade de Salvador em 1982, quando grupos de pessoas excluídas do mercado imobiliário ocuparam a área margeada lateralmente pela Avenida Orlando Gomes, o Parque de Exposições Agropecuárias da Bahia e a Avenida Paralela. O poder público e privado considerou essa ação como uma invasão e agiu em conformidade; o confronto durou mais de um ano, e os ocupantes escolheram como seu nome: Las Malvinas, por reflexo e homenagem à guerra entre Argentina e Inglaterra pela posse das Ilhas Malvinas. Após a fase de confronto, veio o estágio das negociações, com os inevitáveis conflitos, até que se estabeleceu como uma comunidade, adotando o nome

de Bairro da Paz. (MAGALHÃES, 2011, p. 79)

Nesse processo de consolidação, o bairro com características próprias iniciou sua inserção em uma cidade que, na época, tinha dificuldades para absorver a força de trabalho de sua população, tanto da cidade quanto a do bairro. Quanto aos serviços básicos de educação, saúde, segurança, saneamento e energia, eram deficientes, reproduzindo uma situação geral, sendo que no caso do Bairro da Paz, atingiam níveis de maior precariedade.

Uma característica diferenciadora do Bairro da Paz foi sua capacidade de gerar organizações de acordo com suas necessidades, que convergiram em uma representação mais coesa e transparente, especialmente o Conselho de Moradores, que assumiu a liderança naquele período inicial. Nesse sentido, o papel dessa organização social na busca de soluções para o bairro foi fundamental, na articulação com organizações públicas e privadas, e principalmente na identificação do associativismo/cooperativismo como alternativa de melhores condições para a população trabalhadora do Bairro.

Destaque-se que, em diferentes momentos, diversos órgãos públicos municipais, estaduais e federais, empresas públicas e privadas, organizações não governamentais têm trabalhado em apoio ao Bairro da Paz. Por outro lado, a cultura de coordenação e cooperação presente no bairro contribuiu para gerar soluções para melhorar a qualidade de vida de seus moradores.

A ONG Parque Social, que atua na perspectiva de difundir a cultura do empreendedorismo social, como ferramenta de empoderamento comunitário, participação cidadã, corresponsabilidade e compromisso com resultados para a melhoria da qualidade de vida e desenvolvimento sustentável, considerou projetar sua atuação no Bairro da Paz. Nesse sentido, projetou, em 2013, o Programa Comunidade Empreende como âncora desta proposta, considerando como empreendedor social, indivíduos com soluções inovadoras para os problemas mais urgentes da sociedade, fortemente comprometidos com uma causa comum.

Assim, o Programa Comunidade Empreende foi desenhado com base nos princípios subjacentes ao empreendedorismo social; entenderam, como explica Melo Neto e Froes (2002), que o empreendedorismo social tem um escopo diferenciado do empreendedorismo privado nos seguintes aspectos: (1) produção de bens e serviços para resolver problemas sociais, não necessariamente para vender; e (2), portanto, não visando mercados, mas segmentos da população em risco social (exclusão social, pobreza, risco de vida).

Essa dinâmica faz parte da perspectiva do desenvolvimento local, onde o protagonismo social, que traduz a percepção dos atores envolvidos na dinâmica local como sujeitos de seu próprio projeto de mudança, é capaz de estabelecer as diretrizes para o protagonismo do Estado ou grandes instituições. Ou seja, a proposta implica que identificar e avaliar o potencial de cooperação presente em cada território, referido como ativo social, é o ponto de partida para promover processos de desenvolvimento baseados em bases locais; dentro de uma concepção sistêmica de desenvolvimento local e onde, portanto, a articulação interinstitucional e a participação social efetiva são constantemente combinadas.

A ONG Parque Social, durante seu trabalho preparatório,

percebeu que o crescimento econômico, embora essencial, não garante a inclusão social ou a redução das desigualdades; fato que, gradualmente, a levou a visualizar que seria necessário distribuir para desenvolver, mas não apenas renda, mas também conhecimento e poder; o que não é feito de cima para baixo ou de fora para dentro.

Seguindo métodos e rotinas administrativas próprias, a ONG Parque Social selecionou, entre diversas opções, o Bairro da Paz como cenário de sua primeira experiência, no âmbito do Programa de Empreendedorismo Comunitário; utilizando basicamente os dados existentes dessas comunidades; foram realizadas visitas técnicas e interação com seus líderes. Os critérios utilizados pela ONG Parque Social foram:

- a. Ser uma comunidade legalmente estabelecida com limites geográficos definidos;
- b. Ser uma comunidade que tem sua própria organização em operação efetiva;
- c. A organização patrocinadora considerou a opção adequada com base na localização do bairro na área geográfica de influência do trabalho que faz; e,
- d. A comunidade aceitou a proposta do Programa Comunidade Empreende e formalmente se comprometeu com suas responsabilidades e/ou contrapartidas.

Pode-se verificar que houve uma situação de convergência; inclusive a ONG Parque Social já havia formulado e aprovado uma metodologia em nível operacional, estruturada em sete etapas:

- a. Primeira etapa - Quero participar: seleção da comunidade para desenvolver a experiência, de acordo com os critérios pré-estabelecidos;
- b. Segunda etapa - compreender o empreendedorismo social; ações voltadas ao alinhamento conceitual sobre o tema Empreendedorismo Social, estimulando a participação e mobilização da comunidade;
- c. Terceira etapa - já somos empreendedores sociais e não sabíamos: elevar os ativos existentes na comunidade, conscientizando-o de seu potencial, de sua capacidade interna de transformação social gerando uma mobilização concreta para seu processo de desenvolvimento;
- d. Quarta etapa - construir nossos projetos. a construção de projetos baseados em iniciativas de empreendedorismo social, previamente identificadas, juntamente com novas ideias; em comum, a valorização da vocação, dos talentos e habilidades, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida local e a realidade dessas comunidades;
- e. Quinta etapa - nossos parceiros: procure parceiros para a materialização do projeto, entendendo que a associação pode ter diversas formas, como (1) financiamento, quando o sócio possui linhas de financiamento que podem variar desde o crédito normal até a perda de investimentos em fundos ou financiamento parcial; (2) suporte técnico, quando o parceiro oferece suporte técnico na tecnologia do projeto ou em sua gestão, de acordo com suas

especificidades; e, (3) corresponsabilidade, quando o sócio opera em empresa semelhante, negociando uma ação contratada ou coordenada;

- f. Sexta etapa - Empreendedorismo na prática: lançamento e desenvolvimento de atividades de projetos de acordo com as negociações individuais e sua coordenação territorial; e,
- g. Sétima etapa - Nossos Resultados: acompanhamento e avaliação de projetos e do Programa Comunidade Empreende.

A primeira etapa, seguindo os procedimentos e critérios da ONG Parque Social, definiu, como já foi relatado, o Bairro da Paz como o local para a primeira experiência do Programa Comunidade Empreende.

3 PROCESSO PEDAGÓGICO: EXPERIÊNCIA NO BAIRRO DA PAZ

Uma vez definido o território e a proposta de trabalho, era hora da prática efetiva; agendou-se um evento para apresentar a proposta do Programa Comunidade Empreende no Bairro da Paz, com a presença da Comunidade e convidados; contudo, naquele momento, os membros da comunidade presentes ao evento não deram sua aceitação total.

Do ponto de vista da aprendizagem foi um bom começo: a realidade local que redesenhou o roteiro original. Esse foi um fato crucial, pois ficou evidente que entre os líderes contatados existiram algumas ausências importantes. Essa constatação indicava uma estrutura organizacional forte, ativa e legítima, mas dispersa, com problemas internos de comunicação. Naturalmente que esse fato teve impacto direto nas relações de confiança entre a Comunidade e a ONG Parque Social. Por isso, além de atender a essas demandas reais, foi necessário reagendar um novo evento.

3.1 Que conhecimento, para que uso

Em uma relação institucional séria, foi, e é, uma condição necessária para continuar com o trabalho a formalização da relação entre o Bairro da Paz e a ONG Parque Social, por meio de seus legítimos representantes; lembrando que a legitimidade é concedida pelos representados e não pelo documento legal. Nessa perspectiva, foram iniciados novos encontros e um estudo detalhado das causas da situação descoordenada. As principais foram:

- a. a existência de diversas organizações comunitárias com uma entidade integradora, mas com alguns "gargalos" de comunicação, fato que exigiu mais tempo para concluir a comunicação e os respectivos processos internos de deliberação; e,
- b. a existência no imaginário da comunidade de dois elementos restritivos: (1) o antagonismo não resolvido entre o Município e a Comunidade, desde a repressão no momento da ocupação e a proximidade da ONG com o Município, considerando que seu local institucional está dentro do patrimônio municipal; e, (2) a frequência de pesquisas acadêmicas no bairro, sem retornar informações sobre o destino dos respectivos resultados.

O primeiro elemento restritivo foi resolvido com as informações que a ONG Parque Social forneceu sobre o processo de resignificação institucional e sobre o que se entende pela ação social de relevância, realizada por seu órgão gestor em 2013. O processo definiu um novo escopo de sua missão, de sua visão e dos valores que lhe dão o Norte, a partir dos quais passou a atuar com foco no empreendedorismo social e na participação cidadã.

O segundo elemento restritivo presente no imaginário do bairro foi de particular interesse e, portanto, recebeu atenção cuidadosa. Na verdade, esse bairro tem sido objeto de estudos acadêmicos de diversos tipos e escopo, predominantemente aqueles relacionados a questões de segurança pública e educação; outros temas recorrentes são os relacionados à geografia; na maioria absoluta dos casos, de acordo com declarações de líderes e cidadãos comuns, não houve retorno de qualquer tipo; em alguns casos, segundo a comunidade, recebeu, por meio de sua organização, uma cópia do documento produzido, que geralmente não era divulgado. seja por falta de recursos para sua reprodução ou pela necessidade de prestar atenção a outras demandas. Somente em um caso, a autora da pesquisa, Idimara Maria Paes Dantas, retornou ao bairro e fez uma apresentação do documento produzido, ficando bastante conhecida na comunidade: "Desenvolvimento Territorial: um olhar transformador no Bairro da Paz", uma dissertação do Mestrado Multidisciplinar e Profissional em Desenvolvimento e Gestão Social da Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Administração.

Para a Equipe do Parque Social, a pergunta pertinente era: como se materializa a "[...] ação colaborativa, participativa e conjunta de construção"? Parece evidente que, no caso da pesquisa, o Bairro da Paz é apenas objeto de aprendizagem, os sujeitos são todos externos a ele. Portanto, a "ação colaborativa, participativa e construída conjuntamente" deve se materializar entre os sujeitos da aprendizagem, bem como cabe a eles definir o destino do conhecimento gerado que, eventualmente, pode retornar à comunidade. Não há intenções ocultas, é apenas a lógica desse tipo de pesquisa.

A proposta do Programa Comunidade Empreende estava inserida dentro de uma concepção sistêmica de desenvolvimento local, na qual a articulação interinstitucional e a participação social efetiva eram constantemente combinadas. Essa concepção permitiria superar a simples percepção de crescimento econômico para alcançar maiores objetivos de inclusão social e redução das desigualdades. Ou seja, o tipo de ação define de forma diferente o objeto e os temas de aprendizagem.

A participação deveria ser entendida como o processo de tomada de decisão coletiva, como aponta Carlos Franco: "a participação identificou, em última instância, a presença direta e associada nas decisões (Participar é decidir)" (FRANCO, 1979, p. 32) Em complemento, a suposição correspondente de responsabilidade derivada dessa decisão é o argumento central que identifica a comunidade em sua dupla dimensão de (1) o membro cidadão da comunidade e (2) a organização representativa da comunidade; tanto o cidadão quanto a organização, como sujeitos do processo de aprendizagem; e, a comunidade se insere em um universo geográfico, social, econômico, cultural e político como objeto de aprendizagem; considerando que são os atores sociais (individuais e coletivos) que devem tomar decisões sobre o desenvolvimento de seu bairro.

Ou seja, a "ação de construção colaborativa, participativa e conjunta", já mencionada anteriormente, teve como temas centrais os membros da comunidade, uma vez que foram exclusivas delas as decisões que foram tomadas, e foram elas que atuaram dentro de suas respectivas organizações; os técnicos da ONG Parque Social, por sua vez, alinhados aos papéis de promotores e de apoio, atuaram como sujeitos complementares no processo de aprendizagem.

Assim, uma vez definidos os papéis dos atores sociais e institucionais envolvidos, eles precisavam identificar o método adequado para esse fim; a partir dos primeiros contatos, iniciou-se a construção de um conhecimento que proporcionassem aos atores sociais envolvidos a possibilidade técnica de tomar decisões sobre o desenvolvimento do bairro; e, se houvesse candidatos, que tipo de empreendedorismo eles adotariam.

Para essa construção decidiu-se seguir as orientações de Paulo Freire contidas em seu livro "Para uma Pedagogia da Pergunta":

Insisto que a origem do conhecimento está na pergunta, ou nas perguntas, ou no próprio ato de perguntar; E eu ousou dizer que a primeira língua era uma pergunta, a primeira palavra era, ao mesmo tempo, pergunta e resposta em um ato simultâneo. (...) Parece-me fundamental enfatizar que nossa defesa do ato de fazer de forma alguma considera a pergunta como um jogo intelectualóide; pelo contrário, é necessário que o aluno quando ele pergunta sobre um fato, obtenha através da resposta uma explicação do fato e não uma descrição pura das palavras relacionadas a ele. (FREIRE, 2013, p. 73 - 74)

Quanto ao formato operacional, optou-se por uma composição de oficinas sequenciadas, com visualização móvel e o uso da técnica "das cinco perguntas" disponíveis em diversos livros e manuais sobre o assunto.

3.2 Como obter esse conhecimento: a descoberta do Núcleo

O ponto de partida foi que todos os atores envolvidos no processo tinham algum conhecimento do objeto de aprendizagem, doravante Bairro da Paz; esse conhecimento prévio, conforme anteriormente ressaltado, seria a fonte para a construção de um conhecimento atualizado, válido para todos; por outro lado, o grupo era heterogêneo, composto por jovens, pessoa maduras e aposentados; quanto à escolaridade, apenas um tinha ensino fundamental incompleto e alguns com nível universitário, apresentando uma heterogeneidade que também ocorria quanto "as ocupações.

A opção foi desenhar uma pergunta que fosse respondida individualmente, e que a partir das respostas fornecidas, novas perguntas pudessem ser formuladas. Então, a análise coletiva sucessiva permitiria obter construções de consenso. Lembrando trabalhos semelhantes, a pergunta foi formulada abordando a percepção dos participantes:

No seu dia a dia, enquanto cidadão, que situação mais lhe incomoda?

A condição era que as respostas fossem individuais, escritas com o próprio punho em tarjetas de cartolina, que eram fixadas num grande painel de papel metro com fita crepe, para que pudessem ser substituídas após serem analisadas.

Ao longo da discussão, as respostas foram agrupadas de acordo com o grau de afinidade dos tópicos, reorganizando as tarjetas em blocos, o que foi possível porque foram fixados com fita crepe que facilita esse movimento, cada bloco de respostas foi sintetizado em um, utilizando outra cor, resultando em uma síntese de ideias mais estruturadas e em um número menor.

Nesse ponto de avanço, uma mudança de ritmo foi introduzida: o grupo foi dividido em subgrupos, e cada um deles recebeu como tarefa analisar um dos tópicos contidos nas tarjetas - síntese; para desenvolver essas ideias, foi feita a seguinte pergunta:

Por que essa situação ocorre?

A resposta foi registrada numa tarjeta maior e de outra cor, pois a ideia era obter formulações completas e inteligíveis; cada resposta, que poderia ser mais de uma, por sua vez seria submetida à mesma pergunta:

Por que essa situação ocorre?

Este procedimento poderia atingir um limite de cinco repetições; na prática, nunca houve mais do que três reiterações, porque as respostas passaram a ser repetitivas.

Em seguida, cada subgrupo apresentou seu trabalho ao plenário, recebendo críticas e complementos, que também foram registrados em cartões de outra cor.

Dessa forma, a lista de tarjetas-resultado foi analisada pelo plenário, com a realização de alguns ajustes. Do ponto de vista processual, o que realmente importava era a possibilidade de elencar quais eram os problemas efetivos da Comunidade, e formular uma primeira aproximação da explicação causal.

É interessante ressaltar que o fato de começar a partir da sensação, o que lhe incomoda? – contribuiu para reduzir as diferenças de idade e escolaridade entre os participantes. De alguma forma, o incômodo provocado serviu como filtro e potencializou as informações de diferentes origens. Por outro lado, o significado histórico das contribuições ganhou destaque, permitindo descrever e analisar quando e como determinados eventos ocorreram. A heterogeneidade da composição etária permitiu articular a configuração da situação atual como uma consequência do processo histórico do bairro.

Em apoio ao trabalho de elaboração do grupo, as atividades e os resultados foram divulgados através do Rádio Comunitária (sistema de alto-falantes nas ruas do bairro), que atua sob a liderança da organização do bairro. Durante a ação, ocorreram visitas ao Bairro da Paz, ou seja, os participantes das oficinas percorreram, juntamente com os técnicos de apoio, o espaço físico para (re)descobrir sua dimensão territorial; nesses percursos, era comum o diálogo e a interlocução com outros moradores, que naturalmente queriam saber o que estava sendo discutido nos encontros. A "curiosidade" funcionou com um espaço aberto para ampliar a participação de mais pessoas, com a formulação de novas perguntas que, por sua vez, geraram novos ciclos de aprendizagem. Dessa forma, o processo resultou no envolvimento e na participação da maioria dos membros da comunidade.

O papel da equipe de apoio, basicamente, foi o de gerenciar a dinâmica de trabalho do grupo, para a qual existem técnicas bem desenvolvidas por vários autores. Nesse caso específico, o livro "Dinâmica do Trabalho em Grupo", de Áurea Castilho, publicado em 1998, foi utilizado como referência. Contudo, a aplicação das técnicas indicadas pelo texto, não impede o aparecimento de situações de tensão; essas, quando ocorreram, foram superadas na perspectiva que o interesse coletivo era dominante, e como tal, deveria sobressair sobre os casos individuais.

Outra função da equipe de apoio foi o de fornecer, em versão transmissível, dados oficiais e indicadores do bairro, a serem incorporados à análise coletiva. Essa contribuição só ocorre quando a primeira abordagem analítica já foi feita, a fim de garantir que o conhecimento original seja a base real da análise; os dados oficiais confirmam e/ou melhoram este exercício.

Naturalmente, deveria ser produzido um documento que registrasse o resultado desse processo. Nesse caso, a equipe de suporte técnico assumiu a responsabilidade de escrever a primeira minuta; essa, foi então revisada pelos autores diretos, através da projeção do texto produzido em uma tela; o método de leitura coletiva, permitiu que as correções e os ajustes pertinentes fossem inseridos *in loco*, com a contribuição de todos os participantes.

O resultado foi um documento coletivo: "Bairro da Paz, Situação Atual – Uma visão compartilhada (TINOCO, 2014). Ressalte-se que esse documento, com cerca de 20 cópias completas, foi dividido em blocos parciais, e circulou no Bairro da Paz como material de apoio para a continuidade do trabalho. Nele, estava registrado o que, naquele momento, a comunidade do Bairro da Paz identificava como seus valores distintivos e quais os pontos sensíveis aos seus interesses.

Quadro 1 - Valores distintos e pontos sensíveis aos interesses do Bairro; produzido por residentes participantes.

| VALORES DISTINTIVOS | PONTOS SENSÍVEIS AOS SEUS INTERESES |
|--|---|
| Manifestações culturais; | A educação ainda não atende aos anseios da comunidade; |
| Capacidade para se organizar; | A questão do meio ambiente não é prioridade; |
| Resistência e compromisso social; | Prejuízo sofrido por morar no bairro; |
| Espírito de luta; | Alto índice de trabalho informal e instabilidade financeira; |
| Autonomia para a ação; | Nem todos conhecem seus direitos e existe acomodação da comunidade para fazer valer seus direitos; e, |
| A união como um valor arraigado no Bairro; | Falta de políticas públicas que atendam nossas necessidades. |
| Posse da terra; e, | |
| Localização estratégica. | |

Fonte: Elaboração do autor.

Mesmo para os próprios autores, esse resumo interpretativo de beleza e força singular foi chocante. Igualmente impressionante foi a percepção da existência de um núcleo de moradores, formado para desenvolver o processo de aprendizagem que, no decorrer desse processo assumiu sua liderança e continuidade. Sob o formato de Fórum Comunitário de Empreendedorismo Social esse núcleo, por um lado, assumiu o processo de aprendizagem e, por outro, contribuiu para o fortalecimento da estrutura organizacional existente, com ênfase na articulação e coordenação com

atores institucionais e sociais externos, por meio da ONG Parque Social.

4 COMO USAR ESSE CONHECIMENTO, PERSPECTIVA

O conhecimento atualizado da situação do Bairro da Paz, concebido como uma entidade viva, dinâmica, em constante mudança, foi o principal insumo para os atores sociais envolvidos tomarem as decisões sobre o futuro do Bairro.

As decisões mais importantes foram, sem dúvida, as do próprio Bairro da Paz e os interesses da ONG foram convergentes com elas. O nível operacional delimitou as possibilidades dessa relação: a ONG atuaria em apoio ao Bairro para a promoção de empreendimentos sociais inseridos em um conceito de desenvolvimento local autônomo e participativo; esse seria o seu limite de sua atuação. A comunidade do bairro teria suas próprias expectativas, que poderiam ou não incluir tais empresas.

Naquele momento crucial, de definição, se expressou a validade do processo de aprendizagem: nenhuma das partes desistiu de suas expectativas, e o encaminhamento foi por construir complementaridades práticas.

As organizações do bairro "descobriram" que estavam passando por um período de baixa atividade econômica, concentradas em ações rotineiras ou, no caso da obra construção do Metrô, uma emergência explícita e inevitável; ou seja, uma situação em que parecia que, tendo obtido a propriedade da terra, todos os objetivos haviam sido alcançados, ou quase, o que gerou uma tendência de desmobilização. Ou seja, o processo até então executado contribuiu para a atualização da perspectiva como elemento de aprendizagem no sentido descrito por Anton Makarenko: a organização de novas perspectivas, o uso daqueles que já existem e a abordagem gradual das mais valiosas. (MAKARENKO, 1986, p. 172)

A atualização estruturada de sua análise, expressa no referido documento, Bairro da Paz, Situação Atual – Uma Visão Compartilhada, teve o impacto imediato de destacar novas perspectivas, listadas nos pontos sensíveis aos interesses da Comunidade.

O processo de aprendizagem abriu aqui duas linhas paralelas e complementares: as perspectivas globais do bairro e o surgimento de grupos interessados em ser empreendedores sociais; esse último grupo de interesse teria o apoio estruturado da Equipe do Parque Social, já que essa era sua missão. As perspectivas globais do Bairro da Paz seguiriam sua própria dinâmica, na qual o apoio da Equipe assumiu o papel de provedor de contatos e articulações externas.

Na linha do Bairro, as organizações do Bairro da Paz, em seu nome, desenvolveram extensas ações que levaram à atualização de sua estrutura: organizações que renovaram sua liderança, surgimento de novas organizações, atualização de sua situação jurídica, quando necessário, dinamização de suas atividades, o que levou, após alguns meses, à renovação e atualização de suas organizações centrais:

- a. O Conselho de Moradores - a primeira organização integrada dos moradores do bairro que passou a ter até 90% de aprovação da população assentada,

renovou seu Conselho de Administração e reforçou seu papel executivo;

- b. O Fórum Permanente de Entidades do Bairro da Paz; criado em setembro de 2007, com o apoio da Universidade Federal da Bahia (UFBA), do Centro de Referência de Ação Social (CRAS) e do Clã Periférico, com a participação de 44 entidades com o objetivo de articular e fortalecer as entidades do Bairro; consolidou seu papel consultivo.

Na segunda linha, do empreendedorismo social, o Bairro da Paz identificou grupos de interesse que entendiam esse espaço como uma alternativa para o desenvolvimento tanto como pessoa quanto como grupo, além de fortalecer novas perspectivas de desenvolvimento; essa linha gerou o Fórum Comunitário de Empreendedorismo Social. Esse Fórum como organização adequada para atender ao objetivo geral do Programa, especificamente relacionada ao desenvolvimento da organização comunitária, dos ativos comunitários e da educação cidadã. Ao mesmo tempo, a criação do fórum imprimiu a marca da ONG Parque Social, cuja missão era ser um facilitador da transformação da realidade local. Em outros termos, foi gerada uma instância de coordenação operacional dos candidatos a empreendedores com a organização do Bairro da Paz e instituições de apoio externo.

4.1 Novo espaço de aprendizagem

Nesse ponto, o processo de aprendizagem retornou ao Núcleo, ampliado com participantes voluntários, que teve como apoio básico o Fórum Comunitário de Empreendedorismo Social; novamente em formato de oficina.

A primeira pergunta é confirmar e ampliar o conteúdo do documento "Bairro da Paz, Situação Atual – Uma visão compartilhada", com respostas individuais, utilizando a técnica de visualização móvel já descrita. Neste caso, a pergunta provocava uma reflexão sobre o comprometimento dos participantes:

O que está sendo feito para superar essa situação hoje, o que você sabe?

As respostas dos voluntários sugeriram que a atuação do Núcleo foi efetiva no processo de geração de conhecimento atualizado do Bairro da Paz, que discutiu o documento produzido, inteiro ou dividido por temas. Quase naturalmente, a questão seguinte conduziu o debate à realidade atual:

O que você acha que pode ser feito para avançar nessa situação?

As respostas mostraram a criatividade dos moradores e permitiram canalizar a reflexão para o fortalecimento do compromisso da Comunidade; sob essa ótica, a pergunta seguinte foi:

Quais são as ações sob a responsabilidade da comunidade para enfrentar esses problemas?

A combinação das respostas a essas duas perguntas permitiu identificar os temas de interesse para os prováveis empreendimentos, juntamente com a diferenciação dos papéis dos grupos de interesse com os elementos de apoio. As oficinas desse tipo permitiram identificar quais os temas potenciais do empreendedorismo social:

- a. Educação - Sob o nome de fantasia CRIALUD, metodologia lúdica e criativa de formação de equipes integradas de educadores, que incluiu na categoria educadores todos os profissionais de uma unidade escolar, em contato direto e indireto com os alunos e seus familiares;
- b. Comunicação - adotado o nome de fantasia BAIRRO DA PAZ NEWS, definiu como foco a divulgação de informações confiáveis, seguras, de qualidade e atualizadas, apoiando um debate mais qualificado sobre as realidades locais na mídia comunitária e/ou mídia em geral;
- c. Reciclagem 01 - sob o nome fantasia VIDA ACTIVA, pretendeu desenvolver a fabricação e o fornecimento de equipamentos de PVC para pessoas com deficiência motora, além de outros equipamentos, utilizando restos de construção civil;
- d. Reciclagem 02 - reestruturação da COOPERPAZ para gestão de resíduos sólidos;
- e. Cultura 01 - com o nome de fantasia CALÇACURTA, essa proposta previu a formação de um grupo de teatro focado em apresentações diretas, Web Series e a formação de novos quadros nas diversas funções da atividade teatral;
- f. Cultura 02 - com o nome de fantasia CENPROART, empresa de qualificação e produção de artistas locais, em seu escopo constavam a realização de eventos de exposição e o lançamento para que tenham visibilidade e, assim, possam ser contratados e comprometidos nos diversos aspectos de eventos populares ou não populares;
- g. Cultura 03 - GRUPO CASULO PRODUÇÕES, desenvolvimento da identidade cultural, crítica e criativa de crianças e jovens em nossas comunidades de Salvador, através da prática do Hip Hop, com o objetivo de melhorar as relações dos jovens estudantes com a escola e família e reduzir a evasão escolar;
- h. Artesanato: sob o nome de fantasia CATASINHOS, pretendia apoiar a profissionalização da gestão, diferenciação no design e identidade do artesanato que já são praticados no bairro, ampliando a produção e comercialização.

É fácil verificar que os tópicos identificados foram consistentes com o resumo interpretativo registrado no Quadro 1 anterior; portanto, com os tópicos e *stakeholders* identificados, a próxima área de aprendizagem foi o pacote de elementos "técnicos" que levariam cada uma das propostas a um Plano de Negócios; as aspás são deliberadas, pois essa característica de "técnico" teria que ser adequada à realidade dos grupos de empreendedores.

O Fórum Comunitário de Empreendedorismo Social assumiu o papel de coordenar o apoio para atender essas necessidades; assim, diversas organizações civis que atuavam naquele espaço contribuíram para o desenvolvimento de temas especializados a partir de uma perspectiva participativa, menos acadêmica. Dessa forma, centros de estudo e pesquisa, como a UNIJORGE, realizaram contribuições importantes; para que os documentos técnicos necessários fossem elaborados pelas partes interessadas e não apenas oferecidos pelos técnicos.

Nessa linha de pensamento, uma decisão foi inteiramente exclusiva dos *stakeholders*: definir a dimensão financeira de cada projeto; ou seja, quanto ganhar na empresa? Portanto, o processo de aprendizagem entrou em um ponto muito sensível para todos: o aspecto financeiro no nível familiar.

Na proposta inicial, foi afirmado que o empreendedorismo social teria um escopo diferenciado do empreendedorismo privado em (1) produzir bens e serviços para resolver problemas sociais, não necessariamente para vender; e (2), portanto, não visando mercados, mas segmentos da população em risco social (exclusão social, pobreza, risco de vida).

A primeira característica foi totalmente cumprida; porém, mesmo no espírito de contribuir para a solução dos problemas sociais, é evidente que ninguém pode pagar para trabalhar; especialmente quando foi identificado que uma das limitações desse tipo de empresas tem como limite crucial a ausência de políticas públicas de apoio ou as restrições menos visíveis derivadas das políticas macroeconômicas vigentes.

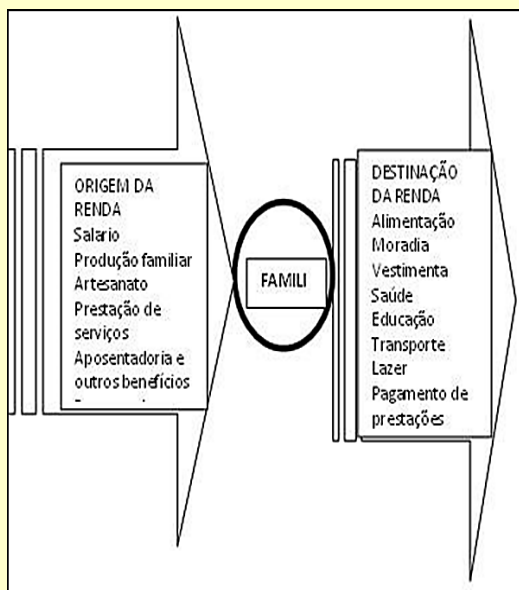
A alternativa encontrada para discutir essa questão foi a análise da renda familiar, neste caso entendida como o fluxo monetário e não monetário que permitiria satisfazer as necessidades da família; fato verificável na vida de qualquer família e que, portanto, tem grande atração de interesse em todos os seus membros, pois está diretamente relacionado à satisfação de suas necessidades e à possibilidade de melhorá-las, o que facilmente abre o entendimento do que é considerado desenvolvimento pela família. Além disso, é mensurável e seu entendimento (como renda) permanece estável por períodos de tempo superior a cinco anos. Para uso operacional, foi projetado o esquema da Figura 1. Esse esquema incluiu, como é fácil verificar, elementos não monetários, em todos os componentes da renda. Na sua origem, a produção própria para o autoconsumo equivale a um recurso monetário que não entra no fluxo de liquidez da família, na direção oposta, na alocação de renda, é um recurso financeiro que deixa de ser gasto.

As múltiplas inter-relações evidenciadas pela renda são, ao mesmo tempo, a explicação de porque os membros da família são atraídos para se aproximarem de suas análises, mas também podem ser uma fonte de limitações na abordagem deles, por várias razões. Optou-se, portanto, por trabalhar apenas com as famílias que voluntariamente concordaram em fazê-lo, mantendo o anonimato das informações.

Considerando que seu uso deveria ter uma função reflexiva, foi escolhido um esquema de levantamento simplificado, sem rigor estatístico, para que os membros de cada grupo de interesse, com formação básica, assumissem essa tarefa.

A orientação foi iniciar a pesquisa com base em informações de renda. Na prática, isso possibilitou destacar a importância da mulher na família, que demonstrou um domínio mais completo e seguro do assunto do que os membros do sexo masculino e aproveitou para colocar questões específicas da abordagem de gênero na agenda; mas, principalmente, a gestão de recursos escassos diante das reais necessidades da família, incluindo a ginástica, como o pagamento da conta de energia apenas no terceiro mês, quando o serviço está prestes a ser cortado, para poder enfrentar alguma outra emergência, como casos de saúde, por exemplo.

Figura 1 – Renda familiar, fluxo de recursos monetários e não monetários.



Fonte: Elaboração do autor, com base em Giovenardi (1997).

Ao fazer os cálculos e consolidações por parte dos *stakeholders*, foi possível abordar a discussão de questões como a inter-relação entre a prestação de serviços sociais e a responsabilidade do governo, como as relacionadas à educação, saúde, saneamento, infraestrutura rodoviária e outros, identificando seu impacto no cotidiano familiar.

Com o valor calculado dessa forma, enfrentou-se o desafio da identificação de fontes de renda. Quando a discrepância do novo valor calculado foi significativa, foi abordada a análise de temas como capacidade de poupança, capitalização ou descapitalização, endividamento, capacidade de empréstimo e outros.

A comparação da contribuição de diferentes fontes para a formação da renda familiar permitiu a discussão da sustentabilidade familiar, tecnologia, políticas de bem-estar, educação, saúde e outras questões

Para completar a análise sobre o futuro desejado, as aspirações da família, a pergunta feita foi:

Independentemente da origem do recurso, em que você modificaria o destino de sua renda para ter uma situação considerada satisfatória?

Esse exercício permitiu medir, em termos de renda, as aspirações familiares de melhoria integral, considerando que a projeção foi feita item por item; assim, estabeleceu simultaneamente os laços com o futuro do Bairro da Paz, seu território, pois as propostas se concentraram na solução de problemas sociais naquele universo e no próprio futuro individual e familiar.

Esse foi o ponto de partida para deliberar, em cada grupo de interesse, quais eram as alternativas para alcançar a renda desejada; primeiro, ampliando algumas das fontes atuais e, depois, as alternativas identificadas, entre as quais estão o empreendedorismo social; cada *stakeholder* construiu assim a dimensão básica do tamanho econômico do

empreendimento; isso possibilitou iniciar os processos técnicos de formulação dos Planos de Negócios de cada iniciativa.

Assim, desde a pesquisa (realizada pelos *stakeholders*) até sua sistematização e consolidação no nível de *stakeholder*, o indicador de renda familiar facilitou o processo reflexivo, sistemático e coletivo de potenciais empreendedores.

O Fórum Comunitário de Empreendedorismo Social teve, naquele período, um importante papel como centro de aprendizagem e como fonte de articulação dentro do Bairro da Paz e em seu entorno com entidades dispostas a colaborar.

Assim, para dar integralidade às diversas propostas de empreendedorismo social, o Fórum Comunitário de Empreendedorismo Social promoveu ações integrativas, entre as quais duas tiveram um impacto diferenciado: a primeira, foi o evento cultural "Boca de Brasa" que, além do desejo de empreender, mostrou a si mesmos e estranhos o potencial cultural do Bairro da Paz; o segundo, foi o evento de lançamento das formulações de empreendedorismo propostas que reuniram toda a comunidade, suas organizações, potenciais entidades de financiamento, universidades, outros bairros, entre outros.

4.2 Resultados

As novas perspectivas das organizações do Bairro da Paz foram, sem dúvida, o resultado mais importante daquele processo de aprendizagem; afinal, a dinâmica gerada foi bem mais ampla do que os objetivos iniciais da ONG Parque Social; pode-se dizer que eles alcançam seus potenciais objetivos a longo prazo.

Para a ONG Parque Social, o fato de ultrapassar o objetivo original de quatro projetos de empreendedorismo social, na verdade, ter seis na Feira de Lançamento, como previsto para a sexta etapa da metodologia e, ainda, três projetos no nível da ideia; foi um resultado satisfatório; incluindo projeções para o futuro.

Ambos, o Bairro da Paz e a ONG Parque Social, podem reconhecer como resultado relevante uma aprendizagem efetiva em duas dimensões: ao nível de ator social, moradores e líderes do Bairro da Paz e funcionários do Parque Social; o Bairro da Paz com sua organização atualizada e dinâmica e ambos com projetos de empreendedorismo social; e, ao nível do ator institucional, as organizações do Bairro da Paz e da própria ONG Parque Social, bem como as instituições sociais que testaram seus protocolos; além de uma metodologia atualizada e baseada na prática.

5 CONCLUSÕES

O ensino e a aprendizagem, por meio de processos simultâneos de colaboração, participação e construção conjunta, não só são possíveis, e gratificantes, como demonstrado pela experiência no Bairro da Paz; mas necessário e urgente, se considerarmos o nível de problemas urbanos envolvidos e a dificuldade de processar sua solução com abordagens externas.

A experiência mostrou que a identificação dos sujeitos de aprendizagem e sua relação com o objeto de aprendizagem foi um ponto crucial; a preocupação de fazer as principais

perguntas em cada tópico de aprendizagem foi outro elemento de extrema importância; além de manter rigorosamente o papel de apoio da Equipe Técnica, para que os moradores se expressassem livremente, diante deles e incorporassem como rotina a construção de novos conhecimentos de acordo com suas necessidades. Neste caso, o do Bairro da Paz, o resultado foi considerado altamente positivo.

Deve também registrar o senso coletivo de aprendizagem que precisa de organização, mas ao mesmo tempo gera e melhora a organização com base na atualização e expansão das perspectivas coletivas. Ou seja, a participação dos cidadãos apresenta vantagens óbvias e passa necessariamente pelo processo de aprendizagem que permite a tomada de decisão consciente e comprometida que facilita uma prática eficaz.

REFERÊNCIAS

- ASHOKA. **Empreendedorismo social**. Disponível em: <http://www.ashoka.org.br/visao/empreendedorismosocial/>>. Acesso em: 01 jun. 2013.
- CASTILHO, Áurea. **Dinâmica de trabalho em grupo**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1998.
- CORTELAZZO, Iolanda Bueno de Camargo. **Colaboração, trabalho em equipe e as tecnologias de comunicação**: relações de proximidade em Cursos de Pós-Graduação. [s.l.] Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2000.
- DANTAS, Idimara Maria Paes. **Desenvolvimento territorial**: um olhar transformador sobre o Bairro da Paz. Universidade Federal da Bahia Faculdade de Administração, Mestrado Multidisciplinar e Profissional em Desenvolvimento e Gestão Social. Salvador. 2011.
- FRANCO, Carlos. **Perú**: participación popular. Lima: CEDEP, 1979.
- FREIRE, Paulo. **Por una pedagogía de la pregunta**: crítica a una educación basada en respuestas a preguntas inexistentes. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2013.
- GIOVENARDI, Eugenio et alli. **Renda: meta focal**. objetividade dos planos de desenvolvimento.
- MAGALHÃES, Antonio Carlos Silva. **Análise de segurança da população do entorno da Av. Paralela, em Salvador**: o exemplo do Bairro Mussurunga e Bairro da Paz. UFBA, Salvador. 2011.
- MELO NETO, Francisco Paulo de; FROES, Cesar. **Responsabilidade social e cidadania empresarial**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2002.
- MAKARENKO, Anton. **Poema Pedagógico** – Vol. III. Moscou: Editorial Progreso, 1986.
- SENGE, Peter et alli. **A quinta disciplina**: cadernos de campo: estratégias e ferramentas para construir uma organização que aprende. Tradução Antonio Roberto Maia da Silva. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1999.
- TINOCO, Jesus Enrique, et all. **Bairro da Paz**. Situação Atual – Uma visão compartilhada. Salvador. 2014. (manuscrito)

ISSN: 1º Volume.
DOI: 10.5281/zenodo.7271994
<https://www.ceala.org/revista-ceps-primeira>

Recebido: 21/10/2022.
Aceito: 30/10/2022.
Publicado: 01/11/2022.

Como citar:
SAMPAIO, R. Uma agenda de desenvolvimento do Nordeste: Notas para reflexão. R. CEPS, Pesq. Econ. e Soc., v. 1, n. 1, dez./mar., 2022.

Autora correspondente:
SAMPAIO, R. E-mail: dantasampaio@gmail.com

Uma agenda de desenvolvimento do Nordeste: Notas para reflexão

Reinaldo SAMPAIO¹
Conselho Regional de Economia (CORECON).

RESUMO

Este artigo reúne dados empíricos sobre a realidade territorial, climática, social e econômica da Região Nordeste do Brasil objetivando evidenciar a permanência das desigualdades regionais e sociais e o seu caráter secular irredutível, contrariando as afirmações falsificadoras da realidade a respeito do desenvolvimento regional. Em seguida, uma abordagem econômico-conceitual objetiva explicar o insuperável atraso socioeconômico da Região e a necessidade imperiosa de implementar estratégias de desenvolvimento já conhecidas, porém, nunca efetivamente aplicadas ali. Por fim, propõe-se a ampliação do escopo de atuação, o fortalecimento orçamentário e a integração operacional das instituições regionais, amparadas em mecanismos constitucionais de "reciclagem de excedentes", como o caminho para a promoção do desenvolvimento, improvável de ser atingido pelas "forças do mercado".

Palavras-chave:
Desenvolvimento.
Nordeste.
Desigualdades.
Desafios.
Reciclagem de Excedentes.

RESUMEN

Este artículo reúne datos empíricos sobre la realidad territorial, climática, social y económica de la Región Nordeste de Brasil, con el objetivo de evidenciar la permanencia de las desigualdades regionales y sociales y su irreductible carácter secular, contradiciendo las falsas pretensiones de la realidad sobre el desarrollo regional. Luego, un enfoque económico-conceitual pretende explicar el insuperable rezago socioeconómico de la Región y la imperiosa necesidad de implementar estrategias de desarrollo ya conocidas, sin embargo, nunca aplicadas allí de manera efectiva. Finalmente, propone ampliar el campo de acción, fortalecer la integración presupuestaria y operativa de las instituciones regionales, apoyadas en mecanismos constitucionales de "reciclaje de excedentes", como vía para promover el desarrollo, difícilmente alcanzable por las "fuerzas del mercado".

Palabras clave:
Desarrollo.
Noreste.
Desigualdades.
Desafíos.
Reciclaje de Excedentes.

ABSTRACT

This article brings together empirical data on the territorial, climatic, social and economic reality of the Northeast Region of Brazil, aiming to highlight the permanence of regional and social inequalities and their irreducible secular character, contradicting the false claims of reality regarding regional development. Then, an economic-conceptual approach aims to explain the insurmountable socioeconomic backwardness of the Region and the imperative need to implement development strategies already known, however, never effectively applied there. Finally, it proposes expanding the scope of action, strengthening the budget and operational integration of regional institutions, supported by constitutional mechanisms for "recycling surpluses", as the way to promote development, unlikely to be achieved by "market forces".

Keywords:
Development.
North East.
Inequalities.
Challenges.
Surplus Recycling.

1 APRESENTAÇÃO

A região Nordeste do Brasil ocupa uma área de 1,56 milhão de km², dos quais 1,03 milhão de Km², estão representados pelo semiárido. A região abriga uma população de 57 milhões de pessoas, das quais, 27,0 milhões vivem na parte semiárida abrangendo 1.176 municípios. De modo que a área do

semiárido corresponde a 66% da região nordeste e a sua população corresponde a 47% da população total.

O semiárido nordestino é um dos maiores e o mais populoso do mundo, por outro lado, apresenta o melhor índice pluviométrico dentre todas as regiões semiáridas, com precipitação de água das chuvas da ordem de 700 bilhões de

¹ Economista, graduado pela Faculdade Católica de Ciências Econômicas da Bahia em 1978, com especialização em Economia Mineral pela UFMG/IBRAM em 1985. Já atuou como Vice-Presidente da FIEB – Federação das Indústrias do Estado da Bahia (2008 a 2014); Coordenador do Comitê de Portos e do Conselho de Comércio Exterior da FIEB. Atualmente, é presidente da ABIROCHAS – Associação Brasileira da Indústria de Rochas Ornamentais; Coordenador do Fórum Empresarial das Associações Minerário-Industriais Nacionais, para atuar na defesa de interesses na condução do Novo Marco da Mineração e seus desdobramentos; Membro do Conselho Temático Permanente de Política Industrial e Desenvolvimento Tecnológico da CNI – Confederação Nacional da Indústria; Membro do Fórum Nacional da Indústria – Conselho Consultivo da CNI.

m3 por ano, porém, dada a falta de infraestrutura de captação, somente 3,4%, ou seja, 24 bilhões de m3 são aproveitados (retidos para consumo humano e animal e para a produção).

Vale salientar que a região nordeste possui cerca de 1,9 milhões de propriedades agrícolas classificadas como "agricultura familiar", correspondendo a cerca de 50% do total de unidades existentes no país. Dessas, cerca de 90% são consideradas desestruturadas, ou seja, a família não sobrevive do produto da unidade rural. A população ocupada nesse segmento está estimada em 5,0 milhões de pessoas, equivalendo a cerca de 79% do pessoal ocupado na agropecuária regional.

Levantamento da rede penssan a partir dos dados do IBGE, dão conta de que 19 milhões de pessoas passam fome no Brasil e mais 36 milhões vivem em insegurança alimentar, totalizando 55 milhões de pessoas em extrema pobreza. Por outro lado, dados da pesquisa síntese de indicadores sociais do IBGE, indicam que 43,5% da população do nordeste se enquadra nessa situação. Ou seja, 24,8 milhões de nordestinos passam fome ou vivem em insegurança alimentar, o que é quase a mesma coisa.

Esse atraso secular fica evidenciado com um dado histórico datado de 1946, quando o ilustre médico, escritor, professor, cientista social e político pernambucano, Josué de Castro, autor de obras seminais sobre a fome no Brasil, afirmou em "geografia da fome" que, "metade da população brasileira não dorme porque tem fome e a outra metade não dorme porque tem medo de quem está com fome". O Brasil até reduziu essa marca cruel, porém o Nordeste quase não mudou, porque 43,5% da sua população atual não dorme porque não come ou não come o suficiente.

A participação do PIB do nordeste no PIB nacional nos últimos 70 anos mantém-se oscilante entre 13,0 a 14,8% enquanto sua população corresponde a 27% da população nacional, apresentando um desequilíbrio extraordinário entre população/PIB, indicando que o crescimento do produto manteve-se dentro da média nacional, fato confirmado pela quase invariabilidade da renda per capita da região que, também, há setenta anos, mantém-se estável e em torno da metade da renda per capita nacional; valendo notar que o nível de concentração de riqueza na região se acentuou. Chama-se a atenção para o fato de que a renda per capita brasileira, no mesmo período, perdeu posição relativa frente às economias industrializadas e emergentes.

Observa-se, assim, que a configuração estrutural das desigualdades sociais do nordeste se caracteriza por largo espectro e grande profundidade da pobreza, exigindo para a sua reversão ou redução do quadro atual de desigualdades, como demonstra o economista Pierre Salama em seu estudo "o desafio das desigualdades", um longo ciclo de altas taxas de crescimento econômico, associado a políticas públicas complementares orientadas para capacitação, educação, saúde e habitação; uma conjugação de realidades não conhecida pelo Brasil e ainda menos pelo Nordeste.

Uma longa série de outros indicadores que não cabem nessas "notas", confirmam o caráter secular, permanente e irreduzível da desigualdade regional e das gravíssimas desigualdades sociais que caracterizam a região, indicando que há uma interação viciosa e regressiva entre fatores econômicos, sociais (políticos) e institucionais que evidenciam um processo

permanente de causalção circular cumulativa, como definido por Myrdal.

De modo que, as políticas ou ações objetivando o desenvolvimento devem ultrapassar os limites de alteração da matriz produtiva e incorporar a dimensão social e institucional, para que, conjugados, ajam de modo ascendente, como força propulsora do progresso econômico e social.

Como afirma Amartya Sen "a pobreza atua como fator de privação das capacidades básicas", ela gera uma carência pessoal de oportunidades para realizar níveis mínimos de ação criativa e produtiva.

Dentre os fatores da produção de riquezas materiais e imateriais, o ser humano é o principal fator; a exclusão social é a mais perversa forma de esterilização das capacidades humanas ao tempo em que se torna a mais poderosa razão do atraso econômico e social. As políticas de proteção social, de oferta de educação e saúde pública, são imprescindíveis, porém, são insuficientes para atuar como "contratendência" a uma crescente desigualdade.

Às(os) economistas cabe o dever de confrontar os fatos da vida com as teorias, para formular uma concepção realista do processo econômico (Myrdal). E esta observação demonstra que as estratégias até aqui adotadas não funcionaram no sentido do progresso humano e do desenvolvimento; agravadas, tais estratégias, pela incapacidade endógena da região de gerar renda pública ou privada capaz de alterar a realidade de pobreza e exclusão. Como identificado por Celso Furtado, "o subdesenvolvimento é um problema estrutural da economia e da sociedade; sendo um fenômeno histórico, não é estacionário, manifestando-se na dinâmica mesmo do crescimento econômico que perpetua desigualdades internas e externas".

Não haverá superação dessa realidade, se não houver uma "reciclagem de excedentes" que garantam os fluxos essenciais para financiar as transformações imperiosas que levem a região nordeste a um novo estágio histórico que possa ser chamado de desenvolvimento.

De modo que uma agenda de desenvolvimento do nordeste, deve estruturar-se sobre um arcabouço empírico-indutivo, a partir da observação da dinâmica da realidade do nordeste, das engrenagens que perpetuam os desequilíbrios e as desigualdades internas e externas da região, para então lançar suas bases propositivas.

Desafios a serem superados:

- a. Inserir a região nordeste, com protagonismo, no circuito de reprodução do capital.
- b. Tornar produtivo o enorme contingente humano atualmente excluído das formas modernas de valorização do capital e que mais se distancia dessa possibilidade por força da intensificação tecnológica.
- c. Financiar os investimentos garantidores dos "fluxos essenciais" na definição do mestre Milton Santos: o fluxo da informação, da formação (a educação em toda a sua amplitude, inclusive e

especialmente, a formação de uma base técnico-científica regional), das finanças e do transporte das pessoas, das máquinas, insumos e produtos, em condições modernas e competitivas.

- d. Por fim, e não menos importante, um plano de desenvolvimento científico e tecnológico envolvendo os centros de pesquisa públicos e privados da região.

As ideias desenvolvimentistas ou novo desenvolvimentista, que inspiram essa corrente de pensamento no Brasil, se assentam sob o pressuposto da ação do estado como indutor e garantidor do processo de desenvolvimento. Tais ideias, de forte vertente fordista, têm origem nos anos 1950/1960, alimentadas, de algum modo pelo otimismo do pós-guerra e do ambiente econômico internacional, guiado pelo espírito do "New Deal" que pode ser sintetizado nas palavras do presidente Roosevelt, de que "a saúde econômica de cada país é um importante motivo de preocupação para todos os seus vizinhos, próximos e distantes." Era a época da reciclagem de excedentes das regiões superavitárias para as regiões deficitárias, trazida pelo "sistema de Bretton Woods" e que coincide com a fecunda fase considerada da esperança ou otimista de Celso Furtado, segundo ver a Cêpeda em "raízes do pensamento econômico de Celso Furtado".

De certo, é que giramos em torno da ideia do estado protagonista em um país subdesenvolvido quando as ideias desenvolvimentistas, independente da sua validade, não encontram eco nas vozes e lideranças que poderiam protagonizar uma economia política com essa orientação. Por sua vez, o estágio atual do capitalismo difere em muito da situação histórica daquela época. As etapas que se sucederam ao final dos chamados "anos dourados", ou seja: a reestruturação neoliberal, a globalização e a financeirização da economia, aceleraram a oligopolização industrial e financeira e a concentração de riqueza em nível planetário, trazendo como consequência a crescente exclusão social em nível global. Ao mesmo tempo, o estado nacional tornou-se vulnerável e em grande medida, subordinado aos ditames das ideias liberais dominantes emanadas do poder das corporações transnacionais, em especial daquelas que comandam o capital financeiro.

O caminho para o desenvolvimento parece não ser o mesmo, mas, não sendo pautado em transferências governamentais, subsídios financeiros e tributários às empresas, fortes investimentos públicos em infraestrutura, educação, saúde e habitação, como serão financiadas as "pré-condições para o arranco" em direção ao desenvolvimento ou à maturidade, mantido aqui, o devido distanciamento da tese de W. Rostow?

2 CONSIDERAÇÕES COMPLEMENTARES

- a. a agenda deve focar ações e objetivos que sejam do interesse comum dos estados que compõem a região.
- b. Que sejam social e economicamente relevantes ou estruturantes para produzir efeitos significativos que alterem a realidade.

Nesse sentido, talvez devamos propor ações que tanto contemplem os vetores potenciais de crescimento econômico, sustentabilidade e inclusão social (turismo, energias renováveis, mineração e indústria, sistemas de educação e saúde públicas, além de pesquisa, desenvolvimento

tecnológico e inovação), que ofertem as infraestruturas essenciais (transporte, saneamento e telecom) quanto aqueles vetores que, mergulhados no atraso, precisam ser modificados por serem determinantes para reverter as graves desigualdades sociais (a estratégia para o semiárido – a agricultura familiar, a "produção de água" e a pequena e média mineração).

No plano institucional deve-se:

- a. Aperfeiçoar/ampliar o papel da SUDENE.
- b. Aperfeiçoar/ampliar o papel do banco do nordeste
- c. Aperfeiçoar/avaliar a destinação dos recursos do FNE fortalecendo a transformação da realidade e a promoção do progresso regional.
- d. Aperfeiçoar/ampliar o papel da EMBRAPA semiárido – CPATSA, fortalecendo seu orçamento e sua dinâmica.
- e. Ampliar o financiamento ao investimento produtivo, à agricultura familiar (deslocando os recursos do FNE para fins conexos com a sua missão) e à pesquisa aplicada (nova estratégia e fortalecimento das fontes de financiamento para as ações focadas no semiárido).

3 CONCLUSÕES

Milton Santos, referindo-se ao desenvolvimento territorial, dizia ser o território uma "totalidade", porém, uma "totalidade menor, dentro de uma totalidade maior nacional e internacional". Nesse sentido, somente é possível promover o desenvolvimento do nordeste, no contexto de um plano nacional de desenvolvimento regional, lastreado por fundos constitucionais que reciclem excedentes em nível e tempo necessários à superação do atraso e das desigualdades.

A lógica do mercado não traz quaisquer evidências empíricas para satisfazer esse desafio.

REFERÊNCIAS

- CASTRO, Josué. 1963. **Geografia da Fome**. Ed. Brasiliense.
- CÊPEDA, V. Alves. 2003. **Raízes do Pensamento Político de Celso Furtado: Desenvolvimento e Democracia**. Artigo para a Assoc. Latino-Americana de Economistas.
- FURTADO, Celso. 1961. **Desenvolvimento e Subdesenvolvimento**. Ed. Fundo de Cultura.
- MYRDAL, Karl Gunnar. 1968. **Teoria Econômica e Regiões Subdesenvolvidas**. Ed. Saga
- ROSTOW, W. W. 1971. **Etapas do Desenvolvimento Econômico**. Ed. Zahar.
- SALAMA, Pierre. 2011. **O Desafio das Desigualdades**. Ed. Perspectiva.

SANTOS, Milton e Silveira, M. Adélia. 2021 – 22ª Edição – **O Brasil** – Território e Sociedade. Ed. Record.

SEN, Amartya. K. 2000. **Desenvolvimento Econômico e Liberdade**. Ed. Companhia das Letras.

ORIENTAÇÕES A AUTORAS(ES):

Processo de Avaliação pelos Pares

Os originais passam por uma avaliação preliminar de escopo, pela Comissão Editorial. Aprovados nesta etapa, passam para a avaliação em sistema *double blinded* (duplo cego) por consultores de notório saber na área do artigo.

Os resultados podem ser

- 1) aprovados para publicação direta;
- 2) aprovação, com menores ajustes de forma e/ou conteúdo, implicando em reenvio para reavaliação;
- 3) reprovação.

Em se dando divergência entre os avaliadores, novos pareceres serão solicitados.

Template e Normas:

Quanto à forma, os artigos devem ser submetidos no modelo (template, com normas) disponível [AQUI](#).

Idiomas e Notações:

São aceitas submissões de artigos nos seguintes idiomas:

- Espanhol (Castellano),
 - Inglês,
 - Francês e
 - Português.
- a. Os números decimais, para textos em português ou espanhol, devem ser indicados por vírgulas, não por ponto, como nos demais idiomas.
 - b. O separador de milhar deve ser um espaço, em qualquer idioma.
 - c. As palavras em idioma distinto do usado no corpo do texto devem figurar em itálico.
 - d. EQUAÇÕES E EXPRESSÕES MATEMÁTICAS:

As notações simples devem, preferentemente ser expressas no corpo do texto. As demais, devem ser apresentadas em parágrafo independente, editáveis e elaboradas utilizando o editor nativo do MS Word ou o MathType, numeradas em algarismos arábicos e citadas na ordem em que aparecem, com subsequente identificação das variáveis em lista que deve figurar imediatamente após sua apresentação.

Declaração de Coautoria:

Artigos com mais de uma autoria deverão se fazer acompanhar de uma declaração de conformidade de cada partícipe, conforme modelo disponível [AQUI](#).

Obs.: Colaboradores que não se incluam nos critérios de autoria, conforme o modelo referido, podem ser citados nos agradecimentos.

Citações

Todas as citações diretas e/ou indiretas devem obrigatoriamente constar da lista de referências e vice-versa.

Bases de dados e normas de apresentação de informações quantitativas quantitativos:

Estudos com dados estatísticos/quantitativos deverão se fazer acompanhar dos bancos de dados em Excel, de forma a permitir sua conferência pelos analistas.

A apresentação dos dados quantitativos deve seguir o Sistema Internacional de Unidades (SI) e, sempre que necessário, o Guia para a Expressão da Incerteza de Medição (GUM) e o Vocabulário Internacional de Metrologia (VIM).

Ética e Boas Práticas:

Sempre que necessário, os artigos devem alinhar-se aos princípios de Ética na Pesquisa Científica do COPE (Committee on Publication Ethics) - <http://www.publicationethics.org>

Sempre que necessário, as autorias devem referendar o Código de Boas Práticas em Pesquisa da FAPESP, 2014 <http://www.fapesp.br/boaspraticas/>.

Integridade da Pesquisa e Política Antiplágio:

Identificações de plágio (inclusive autoplágio) dão azo a reprovações sumárias e possível inaceitabilidade de submissões futuras.

Declarações Textuais

As seguintes declarações, se necessárias, devem ser elaboradas e figurar após as “Considerações Finais”/“Conclusões” e antes das “Referências”:

- a. **Declaração de fontes de financiamento:** Quando pertinente. Por exemplo: “Este trabalho contou com apoio financeiro da(s) XXXXX (projetos xxxx, yyyy) e XXXXX (projeto zzzzzz).”.
- b. **Declaração de conflitos de interesse:** Não havendo potencial conflito de interesse, condição obrigatória para submissão à Revista CEPS, os autores devem declarar: “Os autores declaram não haver conflitos de interesse que impeçam a revisão e publicação deste artigo pela Revista CEPS”.
- c. **Declaração sobre disponibilidade de dados:** Quando pertinente. Deve ser informado que os dados usados estão disponíveis e como podem ser obtidos, ou uma declaração do motivo/justificativa da impossibilidade da disponibilização dos dados.

FOCO E ESCOPO

Consagrada ao público acadêmico de diferentes epistemes,
a Revista Ceps é publicada em Acesso Aberto
e se destina a veicular resultados de pesquisas exploratórias e teóricas.

PERIODICIDADE

A Revista CEPS tem periodicidade quadrimestral,
com possíveis edições temáticas extraordinárias.

**Revista CEPS -
Pesquisa
Econômica e
Social**



CEALA

www.ceala.org

BRASIL: Rua Areal de Baixo, nº 136. 414. Blc. C. Salvador - Bahia. Brasil. CEP 40060-210. +55 71 99741-6169
COLÔMBIA: Carrera 11. nº 15-17. Sahagún - Córdoba. Colombia. Código Postal: 232540. +57 314 710 6747